

# CULPA

FERDINAND VON SCHIRACH AUTOR DE CRIMES



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



FERDINAND VON SCHIRACH

# CULPA

Tradução de  
MILTON CAMARGO

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S364c

Schirach, Ferdinand von, 1964-

Culpa [recurso eletrônico] / Ferdinand von Schirach ; tradução Milton  
Camargo Mota. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

recurso digital

Tradução de: Schuld

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui sumário

ISBN 978-85-01-10351-2 (recurso eletrônico)

1. Culpa - Alemanha. 2. Responsabilidade (Direito) - Alemanha. 3. Crime  
Alemanha. 4. Livros eletrônicos. I. Mota, Milton Camargo. II. Título.

15-19666

CDD: 345.04

CDU: 343.222

Título original em alemão:

SCHULD

Copyright © Piper Verlag GmbH, Munique, 2010

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10351-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*As coisas são como são.*

Aristóteles

## Sumário

Festa popular

DNA

Os Illuminati

Crianças

Anatomia

O outro

A maleta

Ânsia

Neve

A chave

Só

Justiça

Compensação

Família

Segredos

## Festa popular

O primeiro dia de agosto estava muito quente, mesmo para aquela época do ano. A cidadezinha festejava 600 anos de existência, havia no ar um cheiro de amêndoas tostadas e algodão-doce, e a fumaça de fritura de carne gordurosa se impregnava nos cabelos. Não faltava nada do que sempre se vê em quermesses: haviam montado um carrossel, podia-se andar nos carrinhos bate-bate e atirar com espingardas de ar comprimido. Os mais velhos falavam de “sol magnífico” e “dias de calor intenso”, vestiam calças claras e camisas desabotoadas.

Eram homens decentes com profissões decentes: corretores de seguro, donos de concessionárias, artesãos. Não havia o que reprovar neles. Eram quase todos casados, tinham filhos, pagavam os impostos e os empréstimos e à noite assistiam ao telejornal. Eram homens totalmente normais, e ninguém acreditaria que algo assim ocorreria.

\*

Eles tocavam numa banda de sopro. Nada de empolgante, sem grandes eventos: festival da rainha do vinho, clubes de tiro, corpo de bombeiros. Certa vez se apresentaram para o presidente da República, tocaram no jardim, depois foram servidas cerveja gelada e salsicha. A fotografia estava pendurada na sede da associação, o presidente mesmo não se encontrava nela, mas alguém colara ao lado o



artigo de jornal, que comprovava tudo.

Estavam sentados no palco com perucas e barbas postiças. As esposas os haviam maquiado com pó branco e ruge. Tudo naquele dia deveria ser majestoso, para “a honra da cidade”, como dissera o prefeito. Mas não parecia majestoso. Eles estavam suando na frente da cortina preta e já tinham bebido demais. As camisas grudavam-lhes no corpo, um odor de álcool e suor, copos vazios espalhados entre os pés deles. Apesar disso, tocaram. E não tinha importância quando tocavam errado, porque o público também tinha bebido demais. Entre uma peça e outra havia aplausos e mais cerveja. Quando faziam uma pausa, um locutor punha discos para rodar. As tábuas de madeira à frente do palco levantavam poeira porque, apesar do calor, as pessoas dançavam. Então os músicos foram para trás da cortina beber.

A moça tinha 17 anos e ainda precisava avisar aos pais quando queria passar a noite na casa do namorado. Dentro de um ano, vestibular; depois, medicina em Berlim ou Munique, ela não via a hora. Bonita, um rosto franco, olhos azuis, era um prazer olhar para ela, que sorria enquanto servia as mesas. A gorjeta era boa, e nas férias ela planejava viajar pela Europa com o namorado.

O calor era tanto que ela usava apenas uma camiseta branca com calça jeans, além de óculos escuros e uma fita verde prendendo os cabelos. Um dos músicos foi para a frente da cortina, acenou-lhe e indicou o copo de cerveja na mão. Ela atravessou a pista de dança, subiu os quatro degraus até o palco, equilibrando a bandeja, que realmente era muito pesada para suas mãos delicadas. Ela achou o homem engraçado por causa da peruca e das bochechas brancas. Ele sorriu para ela, disse ela se lembrou, que ele sorriu para ela e que os dentes do homem pareciam amarelos por causa da cara branca. Ele empurrou a cortina para o lado, deu-lhe passagem até os outros homens, que estavam sentados em dois longos bancos e tinham sede. Por um momento, a camiseta branca da jovem emitiu um brilho peculiar sob o sol, o namorado adorava quando ela a vestia. Então a moça escorregou. Caiu de costas, não doeu, mas a cerveja se derramou sobre ela. A camiseta ficou transparente, ela não estava usando sutiã. Riu de constrangimento e depois olhou para os homens, que emudeceram de repente e a encararam. O primeiro estendeu-lhe a mão, e daí tudo começou. A cortina foi novamente fechada, os alto-falantes berravam uma música de

Michael Jackson, e o ritmo da pista de dança tornou-se o ritmo dos homens, e mais tarde ninguém seria capaz de explicar coisa alguma.

A polícia chegou muito atrasada. Não acreditaram no homem que telefonara da cabine telefônica. Ele dissera que era da banda, mas não dera o próprio nome. O policial que recebera a chamada comunicou aos colegas, mas todos acharam que era um trote. Só o mais jovem deles disse que iria dar uma olhada e seguiu pelas ruas até o local da festa.

Era úmido e escuro debaixo do palco. Ela estava deitada na lama, nua, molhada de esperma, molhada de urina, molhada de sangue. Não conseguia falar e não se mexia. Duas costelas, o braço esquerdo e o nariz estavam quebrados, os cacos dos copos e garrafas de cerveja abriram-lhe cortes nas costas e nos braços. Depois de terem acabado, os homens levantaram uma tábua e jogaram a moça para baixo do palco. Urinaram sobre seu corpo deitado lá. Em seguida, foram novamente para a frente. Tocavam uma polca enquanto os policiais tiravam a garota do lodo.



“A defesa é uma luta, luta pelos direitos do acusado.” Esta frase estava num livrinho de capa de plástico vermelha, que eu sempre carregava comigo naquela época. Era o “Manual do defensor criminalista”. Eu acabara de prestar o segundo exame e, algumas semanas antes, ingressara no mundo da advocacia. Acreditava na frase. Achava que sabia o que significava.

Um colega da faculdade me ligou e perguntou se eu queria participar de uma defesa, pois ainda faltavam dois advogados. É claro que eu queria, era meu primeiro grande caso, os jornais não falavam de outra coisa, eu achava que era o começo de minha nova vida.

Ninguém precisa provar a própria inocência num processo penal. Ninguém precisa falar para se defender, apenas o denunciante deve apresentar provas. E essa foi nossa estratégia também: todos deveriam simplesmente ficar calados. Mais do que isso era desnecessário.

Fazia pouco tempo que a análise de DNA fora admitida nos tribunais. Os policiais haviam preservado as roupas da moça no hospital, enfiando-as num saco para lixo, um saco azul. Depois o puseram no porta-malas do carro, na intenção de levá-lo ao médico-legista. Acreditavam estar agindo corretamente. O carro ficou no sol por várias horas, provocando a proliferação de fungos e bactérias sob o plástico, que alteraram os traços de DNA e os tornaram imprestáveis.

Os médicos salvaram a moça e destruíram as últimas provas. Ela ficara deitada na mesa de cirurgia, e tivera a pele lavada. Os vestígios dos criminosos na vagina, no ânus e no corpo foram limpos, ninguém pensou senão em assistência emergencial. Muito depois, os policiais e o legista da capital tentaram encontrar resíduos na mesa de cirurgia. Mas acabaram desistindo, às três da madrugada estavam sentados na cantina do hospital diante de xícaras marrom-claras com um frio café de coador. Estavam cansados e sem nenhuma explicação. Uma enfermeira disse que era melhor que fossem para casa.

A jovem não soube identificar os agressores, não conseguia distinguir os homens; com perucas e maquiagem, todos pareciam iguais. Não quis olhar para os suspeitos alinhados e, mesmo depois de tomar coragem, não reconheceu ninguém. Não se sabia qual dos homens ligara para a polícia, mas estava claro que tinha sido um deles. Portanto, a respeito de cada um era certo dizer que podia ser o homem que telefonou. Oito eram culpados, mas cada um também podia ser o inocente.

---

Ele era magro. Rosto anguloso, óculos em armação dourada, queixo proeminente. Naquela época, ainda era permitido fumar nas celas de visitas das prisões, e ele fumava um cigarro atrás do outro. Enquanto falava, a saliva se acumulava nos cantos da boca, os quais ele limpava com um lenço. Já estava preso havia dez dias quando o vi pela primeira vez. A situação era tão nova para mim quanto para ele, fui bastante detalhista ao lhe explicar seus direitos e a relação entre cliente e advogado: conhecimento livresco ocasionado pela insegurança. Ele falou da esposa, dos dois filhos, do trabalho e finalmente da quermesse. Disse que estava muito quente aquele dia e que eles tinham bebido demais. E que não sabia por que aquilo tinha acontecido. Foi tudo o que disse — que estava muito quente. Nunca lhe perguntei se ele participara, eu não queria saber.

Os advogados passaram a noite no hotel junto à praça central da cidade. No restaurante, discutimos sobre os autos. Havia fotografias da moça, do corpo machucado, do rosto inchado. Eu jamais vira coisa igual. Os depoimentos ali eram confusos, não formavam uma figura clara, e podíamos sentir a raiva em cada página dos autos, a raiva dos policiais, a raiva do promotor público e a raiva dos médicos. Foi inútil.

No meio da noite, o telefone do meu quarto tocou. Só pude ouvir a respiração do outro, que ficou em silêncio. Não era engano. Fiquei ouvindo a respiração até ele desligar. Isso durou um tempão.



O tribunal da comarca ficava na mesma quadra do hotel. Era um edifício classicista, com uma escadaria externa, uma celebração à grandeza do estado de direito. A cidade era famosa pelas vinícolas, pelos comerciantes e pelos viticultores que nela viviam, uma região feliz, poupada de todas as guerras. Tudo ali irradiava dignidade e honradez. Alguém pusera gerânios nos peitoris das janelas do tribunal.

O juiz nos chamou um a um até sua sala. Eu trajava uma toga, pois não sabia que não era usada em tais audiências. Quando começou a revisão da ordem de prisão, eu falei pelos cotovelos, tal como falamos quando somos jovens e achamos que qualquer coisa é melhor do que ficar calado. O juiz olhava apenas para meu cliente, não creio que me escutasse. Mas entre o juiz e aquele homem se erguia outra coisa, algo bem mais antigo do que nosso código processual, uma acusação que não tinha relação alguma com as leis escritas. E, quando terminei, o juiz perguntou mais uma vez se o homem queria manter-se calado. Ele perguntou suavemente, sem ênfase alguma, enquanto dobrava os óculos de leitura e aguardava. O juiz conhecia a resposta, mas formulou a pergunta. E todos nós, na fresca sala de audiências, sabíamos que o processo terminaria ali e que a culpa era uma matéria totalmente diferente.

Depois esperamos no corredor a decisão do juiz de instrução. Éramos nove defensores, sendo meu conhecido e eu os mais jovens. Nós dois compráramos ternos novos para o processo. Como todos os advogados, nós fazíamos pilhérias, a situação não deveria

nos afetar, e agora eu fazia parte de tudo aquilo. No final do corredor, havia um guarda encostado à parede, era gordo, estava cansado e nos olhava com desdém.

À tarde, o juiz revogou as ordens de prisão, disse que não havia provas a produzir e que os acusados haviam permanecido calados. Leu sua resolução de uma folha de papel, embora fossem apenas duas frases. Depois houve silêncio. A defesa fora correta, mas agora eu não sabia se devia me levantar, até que a escritã nos entregou a resolução e deixamos a sala. Ao juiz fora impossível tomar decisão diferente. O corredor cheirava a linóleo e autos velhos.

Os homens foram libertados. Saíram por uma porta dos fundos, voltaram para suas mulheres e filhos e retomaram a vida. Continuaram a pagar os impostos e os empréstimos, mandaram os filhos para a escola, e ninguém mais tocou no assunto. No entanto, a banda foi dissolvida. Nunca ocorreu um julgamento.

O pai da jovem estava de pé na frente do tribunal da comarca, no meio da escadaria, quando passamos à esquerda e à direita dele, sem tocá-lo. Olhou para nós, os olhos vermelhos de chorar, um rosto bondoso. Na prefeitura do outro lado, ainda se via dependurado o cartaz anunciando a festa da cidade. Os advogados mais velhos falaram com os jornalistas, os microfones brilhavam como peixes ao sol; atrás deles o pai sentou-se nos degraus do Palácio de Justiça e afundou a cabeça entre os braços.



Depois da revisão da ordem de prisão, meu colega de faculdade e eu nos dirigimos à estação ferroviária. Poderíamos ter falado da vitória da defesa ou do Reno ao lado dos trilhos ou de qualquer outra coisa. Mas ficamos sentados no banco de madeira, cuja tinta já descascava, e ninguém quis dizer palavra. Sabíamos que perdêramos nossa inocência e que isso não fazia diferença alguma. No trem também permanecemos em silêncio em nossos ternos novos ao lado das pastas quase intactas e, enquanto íamos para casa, pensamos na moça e nos homens decentes e não nos olhamos. Tínhamos nos tornado adultos e, ao descer, sabíamos que as coisas jamais seriam simples novamente.

Nina tinha 17 anos. Sentava-se em frente à estação Bahnhof Zoo, em Berlim. Diante dela, um copo de papel com algumas moedas. Fazia frio, a neve já se acumulava. Ela não imaginara as coisas daquele jeito, mas eram melhores do que a alternativa. A última vez que ligara para a mãe fora dois meses antes, o padraсто atendera ao telefone. Chorara, dissera que ela devia voltar. Num átimo, Nina reviveu tudo, o cheiro de suor e de homem velho dele, as mãos peludas. Ela desligara.

Seu novo namorado, Thomas, também vivia nas redondezas da estação de metrô. Tinha 24 anos, cuidava dela. Bebiam muito, coisas pesadas, que esquentavam e faziam esquecer tudo. Quando o homem foi até ela, Nina pensou que fosse um cara procurando prostituta, coisa que ela não era. Ficava furiosa quando os homens perguntavam quanto ela cobrava. Uma vez cuspira no rosto de um deles.

O coroa perguntou se ela iria com ele, dizendo que tinha um apartamento aquecido e não queria sexo. Só não queria ficar sozinho no Natal. Parecia respeitável, talvez 60 ou 65 anos, um sobretudo grosso, sapatos engraxados. A primeira coisa que Nina olhava eram os sapatos. Ela estava congelando.

— Só se meu namorado puder ir junto — disse ela.

— É claro — respondeu o homem. Ele até preferia assim.

Pouco depois, estavam sentados na cozinha do homem. Havia café e bolo. O homem perguntou se Nina queria tomar banho, disse que isso lhe faria bem. Ela hesitou, mas Thomas estava lá. Não vai acontecer nada, pensou ela. A porta do

banheiro não tinha chave.

Deitara-se na banheira. Estava quente, o óleo de banho tinha perfume de bétula e lavanda. Ela não o vira entrar. Ele fechara a porta atrás de si. Baixara a calça e se masturbava. Não era nada demais, ele disse, e riu sem graça. Nina ouviu a televisão no outro cômodo. Gritou. Thomas empurrou a porta, a maçaneta acertou os rins do homem. Ele perdeu o equilíbrio e caiu por sobre a borda da banheira. Foi parar na água, ao lado da moça, com a cabeça na barriga dela. Ela esperneou, retraiu os joelhos, queria sair dali, para longe daquele homem. Acertou-o no nariz, o sangue escorreu na água. Thomas pegou-o pelos cabelos e o segurou debaixo d'água. Nina não parava de gritar. De pé na banheira, pelada, ajudou Thomas e forçou a nuca do homem para baixo. Ela achou que isso levaria um bom tempo. Até que ele parou de se mexer. Ela viu os pelos nas nádegas dele e deu um murro nas costas do homem.

— Porco — disse Thomas.

— Porco — disse Nina.

Depois não disseram mais nada. Foram para a cozinha e tentaram refletir. Nina se enrolara numa toalha, fumaram. Não sabiam o que fazer.

Thomas precisou buscar as coisas dela no banheiro. O corpo do homem deslizara para o chão, emperrando a porta.

— Sabia que eles vão ter de tirar as dobradiças da porta com chave de fenda para arrancá-la de lá? — disse ele na cozinha e entregou as coisas dela.

— Não, não sabia.

— Senão vai ser impossível trazer o homem para fora.

— Será que vão fazer isso?

— Não tem outro jeito.

— Ele está morto?

— Acho que sim — disse ele.

— Você precisa entrar lá de novo. Minha carteira e minha identidade ficaram lá.

Ele vasculhou o apartamento e encontrou 8.500 marcos na escrivadinha. “Para a tia Margret”, lia-se no envelope. Os dois limparam as digitais. Depois saíram do apartamento. Foram muito lentos, a vizinha os viu na pérgula, era uma velha senhora com óculos grossos.

Pegaram o trem urbano e voltaram à estação. Pouco depois, estavam sentados num café.

- Foi horrível — disse Nina.
- Aquele idiota — disse Thomas.
- Eu te amo — disse ela.
- É.
- O que foi? Você também me ama?
- Só ele se masturbou? — perguntou Thomas olhando diretamente para ela.
- Claro, o que você está pensando? — De repente, ela teve medo.
- Você também fez alguma coisa?
- Não, eu gritei. Aquele porco velho — disse ela.
- Nadinha?
- Não, nada, não fiz nada.
- Vai ficar difícil — disse ele depois de uma pausa.

Uma semana depois, eles viram o cartaz numa coluna na estação de metrô. Um policial conhecia os dois da delegacia da estação. Achou que a descrição da vizinha poderia condizer com eles. Foram interrogados. A velha senhora não estava certa. Com uma fita adesiva os investigadores tiraram fibras das roupas dos dois para compará-las com aquelas do apartamento do morto. O resultado foi inconclusivo. O homem era conhecido como cliente de prostitutas e tinha dois antecedentes penais por assédio sexual e relação com menores. Eles foram liberados. O caso não foi solucionado.

—

Eles haviam feito tudo certo. Por 19 anos, haviam feito tudo certo. Tinham alugado um apartamento com o dinheiro do morto, depois se mudaram para uma casa geminada. Tinham parado de beber. Nina era vendedora num supermercado, Thomas trabalhava para um atacadista como administrador de armazém. Havia casado. No mesmo ano, tiveram um menino; um ano depois, uma menina. Tinham se endireitado, tudo corria bem. Certa vez ele se meteu numa rixa na firma, mas não se defendeu, a mulher lhe deu razão.

Quando a mãe de Nina morreu, ela teve uma recaída. Voltou a fumar maconha. Thomas a encontrou junto à estação de metrô, em seu antigo ponto. Ficaram sentados juntos por algumas horas num banco do zoológico, depois foram para casa. Ela



repousou a cabeça no colo dele. Não precisava mais daquilo. Tinham amigos e um relacionamento próximo com a tia dele em Hannover. As crianças iam bem na escola.

---

Quando a ciência se desenvolveu a ponto de permiti-lo, os cigarros nos cinzeiros da casa do morto foram submetidos a um exame de DNA. Todos os que tinham sido suspeitos naquela época foram convocados para um exame coletivo. O ofício parecia ameaçador, um brasão de armas, a inscrição “Chefe de Polícia de Berlim”, um papel fino num envelope verde. Ficou dois dias sobre a mesa da cozinha até conseguirem falar a respeito. Não teve outra saída, eles foram, apenas um cotonete no interior da boca, não doeu.

Uma semana depois, foram presos. O inspetor-chefe disse:

— É melhor para vocês.

Estava apenas fazendo o trabalho dele. Eles confessaram tudo, acharam que isso não tinha mais importância. Thomas me ligou tarde demais. Se tivessem se mantido em silêncio, o tribunal não poderia excluir categoricamente um acidente.

---

Seis semanas mais tarde foram soltos da prisão preventiva. O juiz de instrução disse que o caso era totalmente excepcional e que nesse meio-tempo os acusados tinham se integrado solidamente à sociedade. Acrescentou que, sim, eles eram fortes suspeitos, sendo certa a condenação, mas que não fugiriam.

---

Nunca se pôde explicar a origem da pistola. Ele atirou no coração dela e depois na própria têmpora. Morreram na hora. Um cachorro os encontrou no dia seguinte. Jaziam perto do lago Wannsee, lado a lado, protegidos numa depressão na areia. Não quiseram fazer isso em casa. Apenas dois meses antes, tinham pintado as paredes.

## Os Illuminati

A ordem dos Illuminati foi fundada em 1º de maio de 1776 por Adam Weishaupt, professor de direito eclesiástico na Universidade de Ingolstadt. Naquela época, apenas os alunos dos jesuítas tinham acesso às bibliotecas, e Weishaupt queria mudar isso. O professor não tinha talento organizacional e, com 28 anos, talvez fosse simplesmente muito jovem. Em 1780, um maçom, Adolph von Knigge, assumiu a direção da sociedade secreta. Knigge entendia do ofício, a ordem cresceu até que passou a representar uma ameaça à Coroa por suas tendências iluministas, sendo finalmente proibida como hostil ao Estado. Depois disso, surgiram várias teorias. Como Adam Weishaupt lembrava um pouco George Washington, afirmou-se que os Illuminati tinham assassinado o presidente e colocado Weishaupt no lugar — o animal heráldico dos EUA, a águia de cabeça branca, seria uma prova disso, pois Weishaupt significa “cabeça branca”. E como as pessoas sempre gostaram de teorias conspiratórias, de repente todos passaram a pertencer à ordem dos Illuminati: Galileu, a divindade babilônica Lilith, Lúcifer e, por fim, os próprios jesuítas.

O fato é que Weishaupt morreu em 1830 em Gotha, a história da ordem acabou com a proibição imposta pelo governo em 1784, e tudo o que restou foi uma placa comemorativa no calçadão de Ingolstadt.

Para alguns, isso é muito pouco.

Aos 6 anos, Henry foi matriculado na escola e as coisas começaram a desandar. O Schultüte, o cone cheio de guloseimas que os alunos ganham dos pais no primeiro dia de aula, era de feltro verde, enfeitado com estrelas e um mago de barba pontuda. Era um cone pesado, tinha uma cobertura de papel verde; Henry o carregara sozinho, desde que saíram de casa no carro. Dali a pouco, o cone estava pendurado na maçaneta da sala de aula e já tinha um amassado. Sentado na cadeira, Henry olhava fixamente para o próprio cone e os dos outros e, quando a professora lhe perguntou qual era seu nome, ele não soube o que responder e começou a chorar. Chorava por causa do amassado, das pessoas estranhas, da professora, que usava um vestido vermelho, e também chorava porque imaginara tudo completamente diferente. O menino ao lado dele se levantou e foi procurar outro vizinho. Até então, Henry pensara que o mundo tinha sido criado para ele; às vezes virava-se rapidamente, queria surpreender as coisas mudando de lugar. Agora nunca mais faria isso. Não se lembrou mais do resto da aula, mas depois achou que naquele dia a vida dele tinha sofrido um desequilíbrio, que jamais pôde ser reparado.

Henry tinha pai e mãe ambiciosos; o primeiro, um homem que jamais era visto na cidadezinha sem gravata e sapatos engraxados. Com todos os esforços de sua classe social, tornara-se diretor representante da central elétrica e membro do conselho municipal, e sua esposa era filha do maior fazendeiro da região. Visto que ele próprio tinha concluído apenas o ensino fundamental, o pai queria mais para o filho. Tinha uma concepção errônea de escolas privadas e desconfiava das públicas; por isso, os pais decidiram levar Henry para um internato no sul da Alemanha.

---

Uma alameda de castanheiras conduzia ao antigo mosteiro do século XVI. A associação patrocinadora do internato comprara a casa sessenta anos antes, tinha uma boa reputação; industriais, altos funcionários, médicos e advogados mandavam os filhos para aquela escola. O diretor do internato era um homem gordo com um lenço no pescoço e paletó verde. Saudou a família junto ao portão. Os pais conversavam com o desconhecido, Henry seguia atrás, via os detalhes de couro nos cotovelos do homem e os cabelos ruivos na nuca. A voz do pai estava mais baixa do que de costume. Outras crianças foram ao encontro deles, uma acenou com a cabeça

para Henry, que não quis corresponder e olhou para a parede. O desconhecido mostrou-lhes o quarto de Henry para o próximo ano, ele teria de dividi-lo com mais oito crianças. As camas ficavam dentro de cabines de madeira, na frente de cada uma havia uma cortina de linho. O homem disse a Henry que aquele seria a partir de então seu “pedaço”, poderia colar pôsteres com fita-crepe, e falou como se fosse um amigo. Depois lhe deu um tapinha no ombro. Henry não o entendeu, as mãos do desconhecido eram carnudas e moles; finalmente, ele foi embora.

A mãe arrumou o armário de Henry, tudo era estranho, as roupas de cama não tinham nada a ver com as de casa, os ruídos tinham um tom diferente. Ele apenas esperava que fosse tudo um terrível engano.

O pai estava entediado, sentara-se ao lado de Henry na cama, ambos se olhavam enquanto a mãe desfazia as três malas. Ela falava sem parar, disse que também teria gostado de frequentar um internato, que amara a colônia de férias na juventude. Henry se cansou com a cantilena da voz dela. Reclinou-se na cabeceira da cama e fechou os olhos. Quando o acordaram, estava tudo do mesmo jeito.

Um colega chegou e disse que tinha a missão de “mostrar o lugar” para os pais. Eles viram duas salas de aula, o refeitório, a cozinha, era tudo dos anos 1970, os móveis tinham quinas arredondadas, as luminárias eram laranja, tudo era confortável, nada parecia combinar com um mosteiro. A mãe ficou entusiasmada com tudo, e Henry sabia que o estudante a achara imbecil. No final, o pai deu dois euros ao menino. Era muito pouco, a mãe o chamou de volta e, sem que o marido visse, lhe deu mais. O menino se inclinou, olhou para Henry, e Henry soube que naquele momento já havia perdido.

Em determinada hora, o pai disse que já era tarde, que tinham pela frente uma longa viagem de volta. Quando desceram pela alameda, Henry viu que a mãe, no carro, ainda se voltava para ele e acenava. Viu o rosto dela através do vidro, viu que falava com o pai, a boca vermelha movendo-se muda, ela sempre se moveria, e de repente ele percebeu que ela não o fazia mais para ele. Henry estava com as mãos nos bolsos. O carro ficava cada vez menor, até ser impossível distingui-lo das sombras da alameda.

Henry tinha agora 12 anos e sabia que tudo era muito precoce e muito sério para ele.

O internato era um mundo à parte, mais apertado e intenso e sem meios-termos. Havia os atléticos, os intelectuais, os contadores de vantagem e os vencedores. E havia os que não eram notados, os invisíveis. Ninguém decidia por conta própria o que era, os outros julgavam, e quase sempre o julgamento era definitivo. As meninas poderiam ser as apaziguadoras ali, mas não eram aceitas na escola, a voz delas fazia falta.

Henry fazia parte do grupo dos invisíveis. Dizia as coisas erradas, vestia as coisas erradas, era ruim em esportes e uma negação até mesmo nos jogos de computador. Ninguém esperava nada dele, seguia a maré. Ninguém nem se dava ao trabalho de fazer piadas sobre ele. Era um daqueles que ninguém reconheceria em futuros encontros de ex-colegas de escola. Henry fez um amigo, um menino do mesmo quarto que gostava de literatura fantástica e tinha mãos úmidas. No refeitório, eles se sentavam à mesa que recebia a comida por último, e nas excursões escolares não se desgrudavam. Os dois sobreviviam, mas, à noite, deitado acordado na cama, Henry queria que a vida fosse mais generosa.

Era um aluno mediano. Mesmo que se esforçasse, nada se alterava. Aos 14 anos, teve acne, o que só ajudou a piorar as coisas. As meninas que encontrava na cidadezinha natal durante as férias não queriam saber dele. Nas tardes de verão, quando elas iam com os ciclistas ao lago Bagger, ele tinha de pagar o sorvete e as bebidas para poder se sentar com elas. Para bancar isso, roubava dinheiro da carteira da mãe. Apesar de tudo, as meninas beijavam outros, e à noite o que lhe sobrava eram apenas as fotografias que ele tirava delas às escondidas.

Só uma vez a situação foi diferente; ela era a garota mais linda da panelinha. Eram férias de verão, ele acabara de fazer 15 anos. Ela lhe dissera que Henry devia acompanhá-la — simplesmente falou assim. Ele a seguira até a cabine de troca de roupa, um cubículo de madeira sem janelas na beira do lago; havia entulhos e um banco estreito. Ela se despira na penumbra, na frente dele, e dissera a Henry que ele deveria se sentar e abrir a calça. A luz entre as tábuas cortava o corpo dela, ele via apenas a boca, os seios, o púbis, via o pó flutuando no ar e sentia o cheiro dos velhos colchões de ar sob o banco, e ouvia os outros junto ao lago. Ela se ajoelhou diante de Henry e o tocou, as mãos eram frias, a luz recaiu sobre a boca da menina, os dentes, branquíssimos. Ele sentiu o hálito dela pertinho do rosto e de repente teve medo.

Henry suava no cômodo escuro, encarou a mão dela, que agarrava o pênis dele, as veias no dorso da mão. Lembrou-se do que estava escrito num parágrafo do livro de biologia: “no decorrer de uma vida, os dedos da mão abrem e fecham 22 milhões de vezes”. Queria tocar os seios dela, mas não se atreveu. Então, teve uma câibra na panturrilha e, quando gozou, disse, porque precisava dizer alguma coisa: “Eu te amo.” Ela se levantou depressa e se afastou, a barriga dele estava lambuzada de esperma, ela vestiu o biquíni de novo, célere e curvada, abriu a porta e, sob o batente, virou-se para Henry. Ele agora pôde ver os olhos dela, viu piedade e nojo e alguma outra coisa que ainda não conhecia. Depois ela disse em voz baixa: “Sinto muito”, fechou a porta com estrondo, correu ao encontro dos outros, desapareceu. Ele ainda ficou um bom tempo sentado no escuro. Na manhã seguinte, quando se encontraram, ela estava entre amigas. A garota falou alto para todo mundo ouvir: que ele parasse com aquele olhar de idiota, ela apenas perdera uma aposta e “ontem” fora o pagamento. E, como Henry era jovem e vulnerável, o desequilíbrio só fez crescer.

---

No nono ano, uma nova professora chegou ao internato, lecionava arte, e subitamente a vida de Henry mudou. Até então, a escola lhe fora indiferente, gostaria de ter feito outra coisa. Uma vez, durante as férias, fizera um curso prático na fábrica de parafusos da cidade, teria ficado lá sem problemas. Agradavam-lhe a sequência regular das coisas, o ritmo sempre igual das máquinas, as mesmas conversas na cantina. Ele gostava do mestre a quem fora enviado e que sempre respondia às perguntas com um monossílabo.

Tudo mudou com a nova professora. Ele antes nunca tinha se interessado por arte. Na casa dos pais, havia alguns desenhos nas paredes, folhas feitas às pressas para turistas, que o pai comprara de ambulantes em Paris na viagem de lua de mel. O único original era do avô de Henry e ficava pendurado no quarto dele de criança, em cima da cama. Mostrava uma paisagem de verão na Prússia Oriental, ele sentia o calor e o isolamento, e Henry sabia — com uma certeza que realmente não podia ter — que era uma boa pintura. No internato, desenhava para o amigo figuras dos livros fantásticos dele, cenas de anões, orcs e elfos, e Henry os desenhava de tal maneira que tudo ficava mais vivo do que a linguagem nos livros.

A professora tinha quase 65 anos e era da Alsácia, vestia *tailleurs* nas cores preta

e branca. O lábio superior tremia um pouco quando ela falava sobre arte, e então se podia ouvir de leve o sotaque francês.

Como é costume no início do ano letivo, ela pedira aos meninos que pintassem uma cena das férias. Estava folheando os trabalhos durante uma tarde, queria ver o progresso deles. Pegava as ilustrações, uma a uma, do portfólio, e fumava, coisa que só fazia em casa. Às vezes, tomava notas. Então segurou nas mãos a folha de Henry, um desenho, uns poucos traços a lápis: era a mãe buscando-o na estação de metrô. O jovem nunca lhe chamara a atenção na classe, nem uma vez sequer, e agora a mão da professora começou a tremer. Ela entendeu o desenho, tudo se escancarou na sua frente. Viu as lutas, as feridas e o medo, e de repente viu o próprio rapaz. À noite, escreveu em seu diário, na data daquele dia, apenas duas frases: *“Henry P. é o maior talento que jamais vi. É a dádiva da minha vida.”*

---

Pouco depois do feriado de Natal, eles o apanharam.

Na década de 1970, uma piscina fora construída no mosteiro. Estava abafado lá, com cheiro de cloro e plástico; os estudantes trocavam de roupa num vestíbulo. Henry batera com a mão na borda da piscina e teve permissão de ir embora antes dos outros. Poucos minutos depois, outro rapaz foi buscar o relógio, queria cronometrar quanto tempo conseguiam ficar debaixo d'água. Quando entrou no vestíbulo, viu que Henry tirava dinheiro das calças dos outros, contava-o e punha-o no próprio bolso. Ficou olhando para ele durante minutos, a água pingando no chão ladrilhado. Em algum momento, Henry notou a presença do rapaz e o ouviu dizer: “Seu desgraçado!” Henry viu a poça d'água sob o rapaz, a sunga verde e branca, os cabelos que lhe caíam molhados no rosto. De repente, o mundo desacelerou, ele viu uma gota caindo sozinha em câmera lenta, a superfície dela era perfeita, a luz neon do teto refratava-se nela. Ao rebentar no chão, Henry fez uma coisa que não deveria ter feito e que ele mais tarde também não conseguiu explicar para ninguém: ajoelhou-se. O outro jovem, de cima, arreganhou os dentes e tornou a dizer: “Seu desgraçado, você vai pagar por isso.” Depois voltou para a piscina coberta.

---

O rapaz fazia parte de um grupinho do internato que secretamente se denominava Illuminati. Nas férias de verão, ele lera um livro sobre ordens extintas, sobre os Templários e os Illuminati. Tinha 16 anos e buscava explicações para o mundo. Passou o livro aos outros, e após alguns meses todos conheciam as teorias. Eles eram três, falavam sobre o Santo Graal e sobre conspirações mundiais, reuniam-se à noite, procuravam sinais no mosteiro e acabaram por encontrar os símbolos porque queriam encontrá-los. Ao meio-dia, os arcos das janelas projetavam sombras que pareciam pentagramas; sobre a escura pintura do abade que havia fundado o mosteiro descobriram uma coruja, o símbolo dos Illuminati, e sobre o relógio da torre julgaram ver uma pirâmide. Levavam tudo a sério, e, como não falavam sobre isso com ninguém, as coisas ganharam um significado que não lhes cabia. Compraram livros pela internet, participavam de incontáveis fóruns, e aos poucos passaram a acreditar no que diziam.

Chegando ao tópico do exorcismo, resolveram procurar uma vítima, uma pessoa que pudessem purificar dos pecados e transformar em discípulo. Muito mais tarde, depois de tudo ter ocorrido, nos armários e gavetões sob as camas, foram encontrados mais de 400 livros sobre processos inquisitoriais, ritos satânicos, sociedades secretas e autoflagelos, e seus computadores estavam cheios de imagens de torturas de bruxas e pornografia sádica. Achavam que uma garota seria ideal e falaram sobre o que fariam com ela. Mas, depois do que se passara com Henry na piscina, estava decidido.

---

A professora era cuidadosa com Henry. Deixava-o desenhar o que quisesse. Depois lhe mostrava ilustrações, explicava-lhe anatomia, perspectiva e composição. Henry absorvia tudo, nada lhe era difícil. Esperava toda semana pelas duas horas de aula de arte. Quando avançara um pouco mais, foi para o ar livre com um bloco de desenhos. Desenhava o que via, e via mais do que os outros. A professora falou sobre ele apenas com o diretor do internato, resolveram promover o crescimento de Henry sob a égide da escola, pois ele ainda parecia muito frágil. Ele começou a compreender as imagens dos livros de arte e, pouco a pouco, a pressentir que não estava sozinho.

---



Nas primeiras semanas, eles o humilharam a esmo. Tinha de engraxar os sapatos deles e comprar doces para os rapazes no povoado. Henry fazia o que mandavam. Daí chegou o carnaval e, como todos os anos, os alunos tinham três dias livres, mas muitos não voltavam para casa por ser muito longe. Eles se entediavam, e para Henry foi pior. O mosteiro possuía outro edifício, que, na época dos monges, abrigou o matadouro, dois salões com azulejos amarelos até o teto. Desde muito estava desativado, mas ainda havia os velhos cepos e, encravadas no chão, as calhas para o sangue escorrer.

Ele teve de se sentar nu numa cadeira, e os três rapazes deram voltas ao redor dele, gritando para ele, dizendo que era um porco, ladrão, traidor de sua comunidade, era lixo e desprezível. Falaram das espinhas e do pênis de Henry. Bateram no corpo dele com toalhas molhadas, ele tinha permissão de mover-se apenas de joelhos ou rastejar com a barriga no chão, tendo de repetir sem parar: “Grande é minha culpa.” Eles o obrigaram a entrar num barril de ferro e golpearam o metal até ele ficar quase surdo; e falavam sobre o que fariam com o miserável animal. Pouco antes do jantar, eles pararam. Em seguida, foram afáveis com Henry e disseram para se vestir, que continuariam no próximo fim de semana, mas que agora não deveriam se atrasar para o jantar.

Naquela noite, um deles escreveu para casa, escreveu como foi a semana, que ele não via a hora de chegarem as férias, mencionou as notas em inglês e matemática. Os outros dois jogaram futebol.

Depois de jantar, Henry voltou ao velho matadouro. Ficou em pé na penumbra, esperava, não sabia o que, mas esperava. Pelas janelas, ele via os postes de luz, pensou na mãe e no dia em que comera chocolate dentro do carro e sujara o banco. Ela brigara com ele ao descobrir. Ele passara a tarde toda limpando o carro, não apenas o banco, mas também do lado de fora, esfregara até mesmos os aros dos pneus com uma escova, até o carro ficar brilhando, o que lhe valeu um elogio do pai. E, de repente, ele tirou a roupa, deitou-se no chão e abriu os braços, sentiu o frio das placas de pedra subindo até os ossos. Fechou os olhos e não ouviu mais nada além da própria respiração. Henry estava feliz.

---

“... subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir julgar os vivos e os mortos..”

Era Sexta-feira Santa, e os alunos do internato tiveram de ir à igreja do povoado. Originalmente era uma capela de Nossa Senhora, agora era uma igreja barroca cheia de ouro, mármore falso, anjos e madonas.

Muito tempo atrás, Henry desenhara tudo ali, mas naquele dia não viu nada. Tateou dentro do bolso da calça procurando o bilhete. “Hodie te illuminatum inauguramus” estava escrito, “hoje nós o consagramos iluminado”. Ele esperara por isso, o bilhete significava tudo para ele, e o encontrara naquela manhã no criado-mudo. Sob o texto em latim lia-se: “20 horas. Velho matadouro.”

“... e perdoai nossas ofensas...”

“Sim”, pensou, “hoje minha ofensa está sendo perdoada.” Respirava tão alto que alguns meninos se viraram para ele. Já estavam no pai-nosso, a liturgia logo terminaria. “Minha ofensa será perdoada”, disse à meia voz e cerrou os olhos.



Henry estava nu e com um laço no pescoço, que ele próprio teve de colocar. Os outros vestiam hábitos pretos, que haviam encontrado num armário esquecido no sótão: trajes de monge de tecido rudimentar e cilícios — túnicas penitenciais feitas de pelo de cabra, que ninguém mais usava fazia tempo. Tinham espalhado velas, a luz se refletia nas janelas opacas. Henry não podia mais reconhecer os rostos dos rapazes, mas viu todos os detalhes: viu o tecido dos hábitos, viu as linhas de costura dos botões, os tijolos vermelhos das molduras das janelas, a fechadura arrancada da porta, o pó nos degraus, a ferrugem do corrimão da escada.

Eles amarraram as mãos dele nas costas. Com aquarela da aula de arte, um dos rapazes pintou um pentagrama vermelho no peito de Henry, um signo protetor contra o mal, tal como tinham visto numa gravura. Levantaram o laço em volta do pescoço dele por um cabo de guindaste preso a um gancho no teto. Henry mal tocava o chão com os dedos dos pés. Um dos jovens leu em voz alta o grande exorcismo, o *Rituale Romanum*, instruções papais para ação, escrito em latim em 1614. As palavras ecoavam na sala, nenhum deles as entendia. A voz do jovem se esganiçou, ele estava extasiado consigo próprio. Eles realmente acreditavam que iriam purificá-lo dos pecados.

Henry não sentia frio. Dessa vez, dessa única vez, ele fizera tudo direito, não podiam mais rejeitá-lo. Um dos jovens o golpeou, ele próprio confeccionara o chicote, fizera nós no couro. Não foi um golpe forte, mas Henry perdeu o ponto de apoio. O laço era de cânhamo, cortou-lhe a garganta e lhe tirou o fôlego, ele tropeçou, os dedos dos pés não encontravam mais o chão. E então Henry teve uma ereção.

Uma pessoa que é enforcada lentamente morre por asfixia. Na primeira fase, o laço corta a pele, as veias e artérias do pescoço são obstruídas, a face ganha um matiz azul-violeta. O cérebro para de receber oxigênio, a consciência desaparece após dez segundos, e esse processo só dura um pouco mais se a entrada de ar não for totalmente interrompida. Na fase seguinte, que demora cerca de um minuto, a musculatura respiratória se contrai, a língua sai da boca, o osso hioide e a laringe são lesados. Em seguida vêm os espasmos, violentos e incontroláveis, as pernas e os braços sofrem de oito a dez contrações, os músculos do pescoço frequentemente se rasgam. De repente o enforcado parece tranquilo, não respira. Depois de um, dois minutos, começa a última fase, a morte dificilmente pode ser evitada. A boca se abre, o corpo luta por um pouco de ar, apenas tragadas estertorantes isoladas, não mais do que dez num minuto. Boca, nariz e ouvidos podem expelir sangue, o rosto agora está inchado, o ventrículo direito se dilata. Morre-se cerca de dez minutos depois. Ereções são frequentes durante o enforcamento: no século XV, acreditava-se que a mandrágora, da família das solanáceas, nascia do esperma dos enforcados.

Mas os rapazes não sabiam nada de corpo humano. Não entendiam que Henry estava morrendo naquele instante, achavam que as chicotadas o excitavam. O rapaz que segurava o chicote ficou furioso, golpeou com mais força e berrou alguma coisa, que Henry já não entendia. Ele não sentia dor. Pensou no dia em que encontrara, quando criança, uma corça atropelada ao lado de uma estrada no campo. Ela se deitara na neve e no sangue, e, quando ele quis passar a mão nela, o animal volvera bruscamente a cabeça e o fitara. Agora Henry era um deles. Sua culpa fora expiada, ele nunca mais estaria sozinho, estava purificado e estava livre, finalmente.



O caminho da casa da professora até o único posto de gasolina no povoado passava

entre o mosteiro e o velho matadouro. Ela queria comprar cigarros lá e montou na bicicleta. Viu a luz das velas no matadouro. Sabia que ninguém podia permanecer ali. Toda a vida fora professora, educara crianças, cuidara delas, e talvez tenha sido essa responsabilidade que a fez parar e subir os cinco degraus gastos. Abriu a porta. Viu as velas, viu Henry nu, de pênis ereto, meio enforcado no laço, e viu os três jovens em hábitos de monge, um com um chicote na mão. Gritou, recuou meio passo, o pé não encontrou o degrau, fazendo-a desequilibrar-se e bater a nuca na quina do último patamar. Seu pescoço quebrou, ela morreu na hora.

O laço em torno do pescoço de Henry estava amarrado a uma corrente de ferro, que corria por uma roldana presa no teto até o cabo de guindaste. Ao ouvir a professora gritar, o jovem que segurava a corrente a soltou, o laço cedeu, Henry caiu no chão. A corrente pesada correu desenfreada pela roldana, arrancou o reboque do teto, a violência da queda quebrou uma placa de pedra ao lado da cabeça de Henry. Enquanto os rapazes corriam para o internato atrás de socorro, Henry ficou deitado; então encolheu as pernas vagarosamente, ele respirava, e quando abriu os olhos viu a bolsa emborcada da professora na entrada.



O diretor do internato me ligara por intermédio do advogado cível da escola. Ele me contou o que ocorrera, eu deveria defender os interesses do internato. Ele sabia que a professora tinha uma relação especial com Henry, mais estreita do que com outros alunos, e, embora sempre tivesse confiado nela, agora tinha medo de que sua morte tivesse alguma coisa a ver com isso.

Quando cheguei ao internato, cinco dias depois do ocorrido, o velho matadouro continuava interditado com faixas listradas de vermelho e branco. A promotora pública responsável disse que os investigadores não tinham motivo para suspeitar da professora. Os detetives haviam encontrado seu diário. Examinei os arquivos e li o diário em meu quarto de hotel.

E havia as ilustrações. A polícia as encontrara no armário de Henry. Ele capturara e fixara tudo, traços ágeis em nanquim em centenas de folhas, em que se podia ver cada humilhação — cada humilhação e todo o desejo. As imagens se tornariam a prova principal no julgamento, ninguém poderia negar alguma coisa.

Nenhum desenho continha a professora; a morte dela fora realmente uma fatalidade. Não pude falar com Henry, que tinha sido levado para casa, mas havia quase 50 páginas de transcrições dos interrogatórios, e falei várias horas com o amigo dele.

No fim da semana, pude acalmar o diretor do internato. Os pais de Henry não processariam a escola, não queriam que o caso do filho se tornasse público. A promotoria não pretendia levar o internato ao tribunal, o processo penal contra os rapazes não seria público: tinham apenas 17 anos, agora se trataria apenas da culpabilidade deles. Com isso terminava minha breve causa.

Um amigo advogado, que defendeu um dos rapazes, me disse mais tarde que todos haviam confessado, que cada um havia sido condenado a 3 anos de prisão num centro de detenção juvenil. Não foram acusados da morte da professora.



Alguns anos depois desses eventos, eu estava na região e liguei para o diretor do internato, que me convidou para um café no mosteiro. O velho matadouro fora demolido e dera lugar a um estacionamento. Henry não retornara ao internato. Ficara muito tempo doente e agora trabalhava na fábrica de parafusos em que já fizera um curso prático. Nunca mais desenhou.

À noitinha, em meu carro, eu estava voltando pela mesma alameda em que Henry fora levado pelos pais ao internato. Quando vi o cachorro, já era tarde. Ao frear, o carro parou atravessado na estrada de cascalho. Era um cachorro enorme, preto, cruzou a alameda sem pressa, nem sequer olhou para mim. Na Idade Média, cães desse tipo tinham de puxar as mandrágoras da terra, acreditava-se que a planta gritaria se fosse arrancada pela raiz e que o grito mataria as pessoas. Os cães provavelmente não ligavam para isso. Esperei até ele sumir entre as árvores.

## Crianças

Antes de eles o buscarem, as coisas sempre correram bem na residência de Holbrecht. Ele conhecera Miriam num jantar na casa de amigos. Ela usava um vestido preto e uma echarpe de seda com aves-do-paraíso em diferentes cores. Era professora no ensino fundamental, ele, representante comercial de móveis para escritório. Haviam se apaixonado e, mesmo depois de passado esse período, sempre se deram bem. Nas festas de família, todos diziam que formavam um belo par, e a maioria falava com sinceridade.

Um ano depois do casamento, haviam comprado uma casa geminada num dos melhores subúrbios de Berlim, que cinco anos mais tarde estava quase quitada. “Antes do tempo”, dissera o gerente da sucursal do Volksbank. Ele se levantava quando via Miriam ou o marido no guichê. Holbrecht gostava. “Não há o que censurar”, pensava ele.

Holbrecht queria filhos. “No próximo ano”, Miriam dissera, completando: “Vamos curtir a vida mais um pouco”. Ela estava com 29 anos, ele, com 9 anos mais. No inverno, viajariam para as Maldivias e, sempre que falavam disso, Miriam olhava para ele e sorria.

Os clientes apreciavam o jeito honesto de Holbrecht, com as bonificações, ele chegava à boa soma de 90 mil ao ano. Quando voltava dos compromissos, ouvia jazz dentro do carro e nada lhe fazia falta.

---

Eles chegaram às 7 horas da manhã. Nesse dia, Holbrecht teria de viajar até Hannover, cliente novo, mobiliário completo de uma firma, uma boa comissão. Eles o algemaram e o conduziram para fora da casa. Miriam olhava fixamente a ordem de prisão, ainda estava com o pijama de que ele tanto gostava. “Vinte e quatro acusações de abuso sexual infantil”, ela reconheceu o nome da menina da classe da escola em que lecionava. Ela ficara com um investigador na cozinha enquanto dois homens uniformizados desciam com Holbrecht pelo caminho estreito até a viatura policial. Ele havia plantado a cerca viva de buxo no ano anterior; o paletó que Miriam lhe dera de Natal ia dependurado torto sobre os ombros do marido. O policial disse que a maioria das esposas não suspeita de nada. Era para soar como um consolo. Então revistaram a casa.

---

O julgamento não foi longo. Holbrecht negou tudo. O juiz o repreendeu dizendo que no computador do réu havia sido encontrado material pornográfico. E que, é verdade, não se viam crianças pequenas, os filmes eram legais, mas que as mulheres eram muito jovens, uma praticamente não tinha seios. O juiz tinha 63 anos. Acreditou na menina. Ela disse que Holbrecht sempre a alcançava no caminho de volta para casa. Ele a tocou “lá embaixo” — ela chorou no depoimento. E que isso tinha acontecido no terraço da casa dele. Outra garota confirmou tudo, dizendo que viu isso duas vezes com os próprios olhos. As meninas descreveram a casa e o pequeno jardim.

Miriam não compareceu à audiência principal. O advogado dela enviou a papelada do divórcio enquanto o marido estava em prisão preventiva. Holbrecht assinou tudo sem ler.

O tribunal o condenou a três anos e meio de detenção. A fundamentação do veredicto dizia que o tribunal não tinha motivo para duvidar do depoimento da garota. Holbrecht cumpriu a pena até o último dia. O terapeuta quisera que ele reconhecesse a culpa. Ele se manteve em silêncio.

---

Os sapatos dele estavam encharcados pela chuva, a água tinha penetrado pelas beiradas e encharcado as meias. O ponto de ônibus tinha um toldo de plástico, mas Holbrecht preferiu ficar do lado de fora. A chuva descia pela nuca, escorrendo para dentro do sobretudo. Tudo o que tinha cabia na mala cinza que estava ao seu lado. Alguma roupa íntima, uns livros, cerca de 250 cartas para a mulher, jamais enviadas. Trazia no bolso da calça os endereços dos responsáveis por seu acompanhamento sociojurídico e de uma pensão na qual poderia se alojar temporariamente. Tinha o dinheiro para recomeçar, que ganhara com o trabalho prisional. Holbrecht estava agora com 42 anos.

Os cinco anos seguintes correram mansamente. Ele vivia do que recebia como homem-placa, fazendo propaganda de um restaurante turístico. Ele ficava de pé na Kurfürstendamm com fotografias coloridas das pizzas em caixas de papelão. Usava um chapéu branco. O truque era inclinar um pouco a cabeça para as pessoas enquanto lhes entregava os panfletos. A maioria aceitava.

Morava num conjugado em Schöneberg, seu patrão lhe tinha apreço, nunca ficava doente. Não queria viver da assistência social, e não queria fazer outra coisa.

---

Ele a reconheceu de imediato. Devia estar agora com 16 ou 17 anos, uma moça, despreocupada, camiseta justa. Caminhava com o namorado. Tomando um sorvete. Jogou os cabelos para trás. Riu. Era ela.

Ele se virou rapidamente para o lado, sentiu-se mal. Tirou do corpo a placa de papelão. Disse ao dono do restaurante que estava doente. Estava tão pálido que não houve perguntas.

No trem urbano, alguém escrevera na sujeira do vidro “eu te amo” e um outro “PORCA”. Em casa, deitou-se no meio de suas coisas sobre a cama, abriu sobre o rosto uma toalha de mesa molhada. Dormiu durante 14 horas. Então se levantou, fez café e sentou-se ao lado da janela aberta. Sobre a marquise da casa vizinha havia um



sapato. As crianças tentavam alcançá-lo com uma vara.

À tarde, encontrou-se com um amigo, um sem-teto, que pescava no rio Spree. Sentou-se ao seu lado.

— É uma mulher — disse Holbrecht.

— Sempre é uma mulher — disse o outro.

Depois se calaram. Foi embora quando o amigo tirou um peixe da água e o matou com golpes no concreto do muro do cais.

No apartamento, olhou de novo para fora da janela. O sapato continuava em cima da marquise. Pegou uma cerveja na geladeira e pressionou a garrafa na tampa. Mal conseguiu se refrescar.

---

Todo sábado ela passava por ele e pelas placas de papelão na Kurfürstendamm. Ele tirou os fins de semana de folga e esperou. Quando ela aparecia, ele a seguia, esperava na frente das lojas, dos cafés, dos restaurantes. Não chamava a atenção de ninguém. No quarto sábado, ela comprou ingressos para o cinema. Ele achou um lugar bem atrás dela. O plano ia dar certo. Ela pôs a mão sobre a coxa do namorado. Holbrecht se sentou, sentiu o perfume dela, ouviu-os cochichando. Tirou a faca de cozinha do cós da calça, embrulhou-a sob o paletó. Ela prendera os cabelos no alto da cabeça, ele viu a penugem loira da nuca esbelta. Quase podia contar os cabelinhos um por um.

Ele achava que tinha todo o direito.

---

Não sei por que Holbrecht veio precisamente ao meu escritório. Eu não tenho clientela casual, mas o escritório fica perto do cinema, e talvez tenha sido esse o único motivo. A secretária me ligou no começo da manhã: um homem, que não agendara horário, estava esperando, sentara-se nos degraus na frente do escritório e portava uma faca. A secretária trabalhava havia muito tempo comigo, e no momento ela estava com medo.

Holbrecht afundou-se numa cadeira, com os olhos cravados na faca sobre a mesa à sua frente. Não se mexia. Perguntei se podia pegar a faca. Holbrecht assentiu, sem erguer o olhar. Coloquei-a num envelope e levei-a para a sala da secretária. Depois me sentei virado para ele e fiquei esperando. Em algum momento ele olhou para mim. A primeira coisa que disse foi:

— Não o fiz.

Balancei a cabeça; às vezes, falar é difícil para o cliente. Ofereci-lhe uma xícara de café, então fumamos sentados. Era alto verão, podíamos ouvir vozes pelas grandes janelas da minha sala, alunos em excursão. Adolescentes riam no café do outro lado da rua. Fechei as janelas, agora estava calmo e morno.

Ele levou um bom tempo para me narrar a história. Tinha um jeito peculiar de falar, balançando a cabeça depois de cada frase, precisava confirmar para si mesmo o que estava dizendo, e fazia longas pausas. Por fim, disse que seguira a moça até o cinema, mas não a esfaqueara, não tivera coragem. Ele tremia. Passara a noite sentado à porta do escritório e estava exausto. A secretária ligou para o cinema, e, de fato, nada tinha acontecido.

—

No dia seguinte, Holbrecht levou a documentação do velho processo. Encontrei o endereço da moça na lista telefônica, escrevi-lhe perguntando se poderia falar comigo. Não tínhamos outra alternativa. Fiquei surpreso quando ela realmente veio.

Era uma jovem mulher, estudante de hotelaria, sardenta, nervosa. O namorado fora junto, pedi que esperasse na outra sala. Quando lhe narrei a história de Holbrecht, ela se acalmou. Estava olhando para fora da janela. Eu lhe disse que não poderíamos ganhar uma revisão do processo se ela não depusesse. A jovem não olhou para mim, nem respondeu. Eu não estava certo se ela ajudaria Holbrecht, mas percebi que havia chorado quando me deu a mão para se despedir.

—

Alguns dias mais tarde, ela enviou pelo correio o velho diário. Era cor-de-rosa, com cavalos e corações impressos na capa protetora. Ela o escrevera apenas alguns anos

depois dos acontecimentos e não se desfizera dele. Tinha colado tirinhas de papel amarelas em algumas páginas para mim. Quando estava com 8 anos, inventara a coisa toda: queria Miriam, a professora, só para si, tinha ciúmes de Holbrecht, que às vezes ia buscar a esposa. Era uma fantasia de menina. Convencera a amiga a confirmar a história. Isso era tudo.

A revisão do processo foi autorizada, a amiga confessou o que as meninas haviam feito naquela época, Holbrecht foi absolvido no novo julgamento. Para as moças não foi fácil depor. Elas se desculparam com Holbrecht na sala do tribunal, para ele foi indiferente. Conseguimos manter a imprensa longe do caso. Ele foi indenizado pela prisão cumprida apesar da inocência: um pouco mais de 30 mil euros.



Holbrecht comprou um pequeno café em Charlottenburg, que vende chocolate de fabricação caseira e um bom café. Vive com uma italiana, que o ama. Às vezes tomo um *espresso* lá. Não falamos sobre o caso.

## Anatomia

Ele estava sentado no carro. Adormecera um pouco, não um sono profundo, apenas um cabeceio sem sonho, de alguns segundos. Esperava e bebia da garrafa de aguardente que comprara no supermercado. O vento soprava areia contra o carro. Ali havia areia por toda parte, alguns centímetros sob a grama. Ele conhecia tudo aquilo, afinal crescera ali. Em algum momento ela sairia da casa e correria para o ponto de ônibus. Talvez pusesse outro vestido, um leve, de preferência com as flores amarelas e verdes.

Ele pensou no dia em que falara com ela. No rosto, na pele dela sob o vestido e em como era alta e bonita. Ela quase não olhara para ele, que perguntara se ela queria tomar alguma coisa. Não tinha certeza se ela o entendera. Ela rira dele. “Você não faz meu tipo”, gritara ela, pois a música estava muito alta. “Infelizmente não”, dissera mais uma vez. Ele dera de ombros, como se não se importasse. E esboçara um riso forçado. O que mais deveria ter feito? Então voltara para a mesa.

Naquele dia ela não riria dele. Faria o que ele quisesse. Seria dele. Imaginou o medo que ela sentiria. Os animais que ele matara também haviam sentido medo. Fora capaz de ver isso. Eles exalavam um cheiro diferente pouco antes de morrer. Quanto maiores, mais medo tinham. As aves eram tediosas, gatos e cães eram melhores, sabiam quando a morte se aproximava. Mas os animais não podiam falar. Ela, sim, falaria. O importante era fazê-lo devagar, para extrair o máximo. Esse era o problema: não poderia ser rápido. Quando ficava empolgado, metia os pés pelas

mãos. Tal como ocorrera com o último gato — mal acabara a amputação das orelhas e já não pôde se conter, passando a furá-lo cedo demais e com voracidade.

O instrumental de dissecação tinha custado caro, mas era completo, incluindo tesoura para ossos, cinzel de crânio, faca para cartilagem e estiletos. Comprara pela internet. Conhecia quase de cor o atlas de anatomia. Escrevera tudo no diário, desde o primeiro encontro na boate até aquele dia. Havia tirado fotografias da moça às escondidas e colado a cabeça dela em fotos pornográficas. Marcara as linhas que queria cortar: com pequenos traços pretos, tal qual no atlas de anatomia.

\*

Ela saiu pela porta, ele se preparou. Quando ela fechou o portão do jardim atrás de si, ele pulou para fora do carro. Essa seria a parte mais difícil. Tinha de forçá-la a acompanhá-lo, ela não podia gritar. Ele anotara todas as variantes. Mais tarde, a polícia encontrou no sótão da casa dos pais dele as anotações, as fotos da jovem, dos animais mortos e centenas de filmes de terror sangrentos. Os investigadores haviam vasculhado a casa e depois encontraram o diário e o instrumental de dissecação no carro dele. O homem também mantinha no sótão um pequeno laboratório — suas tentativas de produzir clorofórmio haviam fracassado.

O lado direito do Mercedes o atingiu quando ele saía do carro. Ele voou por sobre o capô, chocou a cabeça contra o para-brisa e caiu deitado à esquerda do carro. Morreu a caminho do hospital. Tinha 21 anos.

Eu defendi o motorista do Mercedes. Pegou um ano e seis meses de condicional por homicídio culposo.

## O outro

Paulsberg estava de pé ao lado de seu carro. Como todo fim de tarde ao voltar para casa, ele fizera a curva e subira a pequena colina até o velho freixo. Quando criança, sentara-se muitas vezes ali, à sombra da árvore, cabulava aula e esculpia estatuetas de madeira. Entrou no carro, abaixou o vidro, os dias já eram mais curtos de novo, o ar mais frio. Havia silêncio ao redor. O único momento do dia. O celular desligado. Dali podia ver sua casa, a casa em que crescera, construída pelo bisavô. Estava bem iluminada, as árvores no jardim também recebiam luz, ele via os carros parados na beira do caminho. Em alguns minutos ele também estaria lá, os convidados já o estariam esperando, ele teria de conversar sobre todas as bobagens que são a essência da vida social.

Paulsberg estava agora com 48 anos. Possuía 17 grandes lojas na Alemanha e na Áustria, especializadas em roupas masculinas de alto padrão. Seu bisavô fundara a fábrica de malhas no fundo do vale; desde criança, Paulsberg aprendera tudo sobre tecidos e cortes. Tinha vendido a fábrica.

Pensou na mulher. Elegante, magra, encantadora, entreteria a todos. Estava com 36 anos, era advogada num escritório internacional, *tailleur* preto, cabelos soltos. Ele a conhecera no aeroporto em Zurique. Juntos, esperavam o avião atrasado no café-bar, ele a fizera rir. Haviam marcado um encontro. Dois anos mais tarde estavam casados — lá se vão oito anos. As coisas poderiam ter andado bem.

Mas então ocorreu o caso na sauna do hotel, e tudo mudou de figura.

---

Depois de casados, todos os anos eles passavam uns dias no hotel alpino na Alta Baviera. Gostavam dessa descontração, dormir, passear, comer. O hotel recebera condecorações por causa de seu spa. Havia banhos turcos, saunas finlandesas, piscinas internas e externas, massagens e lama vulcânica. No estacionamento, Mercedes, BMW, Porsche. Estavam entre os seus.

Como na maioria dos homens de sua idade, uma barriga despontava em Paulsberg, sua mulher havia se cuidado mais. Ele tinha orgulho dela. Estavam sentados na sauna a vapor. Ele observava o rapaz que não tirava os olhos de sua mulher, cabelos pretos, tipo mediterrâneo, talvez italiano, bonito, pele suave, bronzeado, cerca de 25 anos. O estranho examinava a mulher de Paulsberg como um belo animal. Ela se incomodou. Ele sorriu para ela, que se virou para o lado. Então ele se levantou, com uma semiereção, dirigiu-se para a saída, parou diante dela, o pênis na frente do rosto da mulher. Paulsberg já ia intervir quando o rapaz enrolou uma toalha no quadril e lhe acenou com a cabeça.

Mais tarde, no quarto, eles fizeram piada sobre a situação. Viram o estranho durante o jantar, a mulher de Paulsberg lhe sorriu e enrubescceu. O casal passou o restante do jantar falando sobre o estranho rapaz, e à noite imaginaram como seria com ele. Nessa noite, quebraram um longo jejum e fizeram sexo novamente, num misto de angústia e desejo.

No dia seguinte, voltaram à sauna no mesmo horário, o estranho já estava esperando. Ela se desfez da toalha já na porta e, nua, passou vagarosamente pelo rapaz; ela sabia o que estava fazendo e queria que ele soubesse também. O rapaz se levantou e novamente parou na frente dela, que estava sentada no banco. Ela olhou primeiro para ele, depois para Paulsberg, que baixou a cabeça lentamente e disse alto: “Tudo bem.” Ela pegou o pênis do estranho. No vapor da sauna, Paulsberg viu o movimento ritmado do braço da mulher, viu as costas do rapaz na frente dela, suadas, um brilho moreno-oliva. Ninguém falou nada, ele ouviu o estranho ofegando, o braço da mulher diminuiu o ritmo. Então ela se virou para Paulsberg, mostrou-lhe o esperma do estranho no rosto e no corpo. O estranho pegou a toalha e saiu da sauna sem dizer nada. O casal ficou no calor.

---

Primeiro, fizeram experiências em saunas públicas, depois em clubes de suíngue e, por fim, puseram anúncios na internet. Estabeleceram regras: nada de violência, nem amor, nem encontros em casa. Parariam com tudo se um dos dois não se sentisse confortável. Nunca pararam com nada. No começo, era ele quem escrevia os anúncios, depois ela assumiu essa função; punham fotos mascaradas nos sites. Depois de quatro anos, estavam craques. Havia descoberto um hotel discreto longe da cidade. Lá se encontravam, em fins de semana, com homens que haviam respondido aos anúncios. Ele dizia que punha a mulher à disposição. Ambos achavam que era tudo uma brincadeira, mas depois de muitos encontros não era mais brincadeira, tornara-se uma parte deles. A mulher seguia sendo advogada, continuava radiante e inacessível, mas, nos fins de semana, virava o objeto que os outros usavam. Eles queriam as coisas desse jeito. Simplesmente aconteceu, não havia explicação.

---

O nome no e-mail não lhe dissera nada, ele nem associou a fotografia a ninguém, fazia tempo que já não reparava nas fotos que os homens enviavam. A mulher escrevera de volta para o homem, e agora ele estava diante dos dois no saguão do hotel: Paulsberg o conhecia da escola, vagamente — lá se vão 35 anos. Naquela época, não tinham nada a ver um com o outro, ele era de outra sala. Sentaram-se nos bancos do saguão do hotel e falaram das coisas que colegas de escola sempre falam, dos velhos professores, de amigos em comum, e tentavam esquecer a situação. Mas de nada adiantou. O outro pediu uísque em vez de cerveja, falava muito alto. Paulsberg conhecia a firma para a qual ele trabalhava, era do mesmo ramo que o dele. Jantaram os três, o outro bebeu demais. Flertou com a mulher de Paulsberg, dizia que era bonita e jovem, que Paulsberg era invejável, e bebeu mais. Paulsberg quis ir embora. Ela começou a falar de sexo, dos homens que lhe enviavam fotos, homens com quem se encontravam. Em algum momento, pôs a mão na mão do outro. Foram para o quarto que sempre reservavam.

Enquanto o outro fazia sexo com a sua mulher, Paulsberg ficou sentado no sofá. Olhou para o quadro acima da cama na parede: uma moça na praia, que o artista pintara de costas; ela usava um maiô branco e azul como nos anos 1920. “Ela deve



ser bonita”, ele pensou. Em algum momento, ela se viraria, sorriria para o pintor e iria para casa com ele. Paulsberg pensou no fato de que agora fazia oito anos que estavam casados.

Mais tarde, sentados sozinhos no carro, eles não se falaram; pela janela do banco do carona, ela ficou olhando para a escuridão até chegarem em casa. À noite, ele foi à cozinha tomar um copo d’água e, ao voltar, viu o *display* do telefone da mulher brilhando sobre a mesa de cabeceira dela.

Fazia tempo que ela tomava Prozac, um antidepressivo. Acreditava ser dependente dele, nunca saía de casa sem a caixinha verde e branca. Não sabia por que satisfazia os homens. Às vezes, durante a noite, quando o silêncio dominava a casa, quando Paulsberg dormia e ela não aguentava mais os algarismos verde-claros do despertador, ela se vestia e saía para o jardim. Deitava-se numa das espreguiçadeiras à beira da piscina, olhava para o céu, esperando pela sensação que conhecia desde a morte do pai. Mal conseguia suportá-la. Havia bilhões de sistemas solares naquela Via-Láctea e bilhões de vias-lácteas como aquela. Entre elas era frio e vazio. Ela havia perdido o controle.



Paulsberg, desde muito, nem se lembrava mais do outro. Estava na conferência anual da Associação, que ocorria todo ano em Colônia. De pé, no salão de café da manhã, no bufê, ouviu alguém chamar seu nome. Era o outro. Paulsberg virou-se.

Num átimo, o mundo moveu-se com mais lentidão, tornou-se viscoso. Mais tarde, ele seria capaz de lembrar-se de cada imagem, da manteiga flutuando na água gelada, dos potinhos coloridos de iogurte, dos guardanapos vermelhos e das rodelas de salsicha na porcelana branca do hotel. Paulsberg achou que o outro parecia um daqueles anfíbios cegos. Quando criança, ele os tinha visto nas cavernas escuras da Iugoslávia. Pegara um e voltara ao hotel segurando-o na mão, pois queria mostrar para a mãe. Ao abrir a mão, estava morto. O outro tinha a cara raspada, olhos insípidos, sobranceiras ralas, lábios grossos, quase roxos. Lábios que haviam beijado sua mulher. A língua do outro se moveu em câmera lenta, bateu no lado interno dos dentes da frente ao dizer seu nome. Paulsberg viu os fios de saliva incolores, os poros na língua do homem, os longos e finos pelos no nariz, o pomo de

adão projetando-se vigorosamente contra a pele avermelhada. Paulsberg não entendeu o que o outro dizia. Viu a moça de maiô branco e azul do quadro do hotel, que se virou para ele, sorriu e então apontou o homem magro que se ajoelhava sobre sua mulher. Paulsberg sentiu que o coração ia parar de bater, imaginou como desmaiaria, puxando consigo a toalha da mesa. Viu-se morto entre as rodelas de laranja, as salsichas brancas e o cream cheese. Mas não caiu. Isso durou só um momento. Cumprimentou com a cabeça o outro.



Na conferência da Associação, houve os discursos de sempre. Eles viram apresentações, havia café filtrado em garrafas térmicas cor de prata. Depois de algumas horas, ninguém mais escutava. Um evento sem nada de especial.

À tarde, o outro deu um pulo no quarto de Paulsberg. Tomaram a cerveja que ele levava. Ele também levava cocaína e ofereceu uma carreira a Paulsberg; jogou o pó sobre a mesa de vidro e o inalou com uma nota de dinheiro enrolada. Quando quis ir ao banheiro lavar as mãos, Paulsberg foi atrás. O outro estava de pé na frente da pia, havia se curvado para lavar o rosto. Paulsberg viu as orelhas do outro, viu a borda encardida do colarinho branco.

Não pôde evitar.

Agora Paulsberg estava sentado na cama. O quarto de hotel era como centenas de outros em que dormira. Duas barras de chocolate no frigobar marrom, amendoins embalados a vácuo, o abridor de garrafas de plástico amarelo. O cheiro de desinfetante, sabonete líquido no banheiro e o letreiro no azulejo dizendo que reutilizar as toalhas ajuda a conservar o meio ambiente.

Fechou os olhos e pensou no cavalo. Pela manhã, ele atravessara a ponte, muito além da escada de pedra até a várzea do Reno, entrando na neblina matinal que subia do rio. E, de repente, o cavalo pusera-se na frente dele, banhado em suor, as narinas vermelhas e tenras.

Em algum momento, teria de ligar para ela, que perguntaria quando ele voltaria. Falaria de como havia sido seu dia, das pessoas no escritório, da faxineira que fecha

a lata de lixo com estardalhaço e de todas as outras coisas que compõem sua vida. Ele não falaria sobre o outro. Em seguida, desligariam e tentariam tocar a vida adiante.

Paulsberg ouviu o outro gemendo no banheiro. Ele jogou o cigarro num copo d'água cheio até a metade, pegou a mala de viagem e deixou o quarto. Ao pagar a conta na recepção, disse que era melhor que arrumassem seu quarto rapidamente. A moça atrás do balcão olhou para ele, que não disse mais nada.

Eles encontraram o outro vinte minutos depois. Ele sobreviveu.

---

Paulsberg usara o cinzeiro do quarto. Era de vidro fumê, escuro, dos anos 1970, pesado e espesso. Segundo a denominação do médico-legista, fora um “trauma contuso”, as bordas dos lugares das pancadas não podiam ser claramente delimitadas. O cinzeiro se encaixava como arma do crime.

Paulsberg vira os buracos na cabeça do outro jorrando sangue, um sangue mais claro do que ele havia esperado. “Ele não morre”, pensara Paulsberg enquanto desferia mais golpes na abóbada craniana, “está sangrando, mas não morre”. No fim, Paulsberg entalara o outro entre a banheira e o vaso sanitário, pondo a cabeça dele com o rosto virado sobre a tampa da privada. Paulsberg tivera vontade de aplicar um último golpe. Havia levantado o braço. Os cabelos do outro haviam se enchido de grumos e pareciam duros no sangue, como pregos pretos no couro cabeludo claro. De repente, Paulsberg pensou na mulher. Em como haviam se encontrado pela primeira vez num mês de janeiro dez anos antes, um céu de gelo, eles em pé tremendo de frio na rua em frente ao aeroporto. Pensou nos sapatos delicados dela na lama de neve, no sobretudo azul com grandes botões, em como ela levantara a gola e fechara a lapela com uma das mãos, sorrira, estava solitária, bonita, vulnerável. Quando a mulher subiu no táxi, ele soube que ela lhe pertencia.

Paulsberg pusera o cinzeiro no chão, o qual mais tarde os investigadores encontraram entre os filetes vermelhos nos ladrilhos. O outro ainda arquejava baixinho quando ele saiu. Paulsberg não quisera mais matar.

---

O julgamento começou cinco meses depois. Paulsberg foi indiciado por tentativa de homicídio. O promotor disse que ele tentou matar o outro a golpes, pelas costas. No libelo acusatório, dizia-se que se tratava de cocaína. Com os dados que tinha, o promotor não pôde ir além disso.

Paulsberg não citou nenhum motivo para o crime, não falou sobre o outro. “Liguem para minha mulher”, foi a única coisa que dissera aos policiais depois da prisão, não havia mais que isso. Os juízes buscaram o motivo. Ninguém simplesmente sai golpeando outra pessoa no quarto de hotel; o promotor fora incapaz de estabelecer uma relação entre os homens. O psiquiatra dissera que Paulsberg era “totalmente normal”, nenhuma droga havia sido encontrada em seu sangue, ninguém pensava que ele agira por prazer de matar.

O único que poderia dar alguma informação era o outro. Mas ele também se manteve em silêncio. Os juízes não podiam obrigá-lo a depor. A polícia encontrara cocaína no bolso do homem e na mesa de vidro, corria um processo investigativo contra ele, o que lhe permitia manter-se em silêncio — ele poderia se incriminar com um depoimento.

Evidentemente, os juízes não precisam conhecer o motivo de um réu para condená-lo. Mas querem saber por que as pessoas fazem o que fazem. E apenas quando o entendem podem punir o réu em conformidade com a culpa. Se não o entendem, a pena quase sempre vem a ser maior.

Os juízes não sabiam que Paulsberg queria proteger a esposa. Ela era advogada, ele cometera um crime. O escritório ainda não a demitira: ninguém pode ser responsabilizado por ter um marido louco. Mas os colegas advogados dela não poderiam aceitar a verdade nem os homens estranhos, e nessas condições ela não poderia continuar a trabalhar no escritório. Paulsberg deixou a decisão nas mãos da mulher. Que ela fizesse o que achasse correto.

Ela compareceu para testemunhar sem advogado. A Paulsberg, a mulher pareceu muito frágil, delicada a ponto de se desmanchar. O presidente a instruiu. Ninguém achava que alguma coisa ainda poderia ocorrer naquele julgamento. Mas, quando ela começou a falar, tudo se modificou.

Em quase todo julgamento perante o tribunal do júri há esse momento em que de

repente tudo fica claro. Achei que ela ia falar sobre os homens estranhos. Mas o que ela contou foi outra história. Falou por 45 minutos sem interrupção, de modo claro, inequívoco e sem contradições. Disse que teve um caso com o outro e Paulsberg descobriu. Ele quis se separar dela. Enlouqueceu de ciúmes. Era culpa dela, não dele. Disse que o marido encontrara o filme que ela e o amante haviam gravado. Ela entregou um DVD ao funcionário da corte. Paulsberg e ela haviam feito tais filmes; aquele em particular era resultante do encontro com o outro, a câmera fora posta sobre um tripé ao lado da cama. Em seguida, a audiência ocorreu a portas fechadas para que pudéssemos ver o DVD. Filmes semelhantes são encontrados em inúmeros sites da internet. Não havia dúvida de que o outro era o homem que fizera sexo com ela. O promotor observava Paulsberg durante a exibição. Ele permaneceu quieto.

O promotor ainda havia cometido outro erro. A Lei Penal alemã tem mais de 130 anos. É uma lei inteligente. Às vezes, as coisas não correm como o criminoso quer. O revólver está carregado, tem cinco balas. Ele se aproxima dela, atira, quer matá-la. Erra o alvo quatro vezes, apenas um tiro de raspão lhe atinge o braço. Agora ele está cara a cara com ela. Empurra o cano do revólver na barriga dela, arma o gatilho, vê o sangue descendo pelo braço, vê o medo dela. Talvez nesse momento ele reflita uma vez mais. Uma lei ruim condenaria o homem por tentativa de homicídio, uma lei boa quer salvar a mulher. Nosso Código Penal diz que ele pode recuar da tentativa de matar, livrando-se da pena. Isto é: se ele parar agora, se não a matar, será punido apenas por uma lesão corporal grave — não por tentativa de homicídio. Portanto, depende dele; a lei o tratará com brandura se ele fizer o que é correto naquele momento, se poupar a vida da vítima. Os professores chamam isso de “ponte de ouro”. Jamais gostei dessa expressão, as coisas que se passam num indivíduo nessa situação são muito complicadas, e uma ponte de ouro combina mais com um jardim chinês. Mas a ideia da lei está correta.

Paulsberg tinha parado de golpear a cabeça do outro. No fim, não quisera mais matá-lo. Com isso, ele recuou da tentativa de homicídio, e os juízes puderam condená-lo apenas por lesão corporal grave.

A corte não pôde refutar a contestação de Paulsberg, nem o depoimento da mulher dele, nem tampouco, então, o motivo dele. O tribunal do júri o condenou a três anos e seis meses.

A mulher o visitava regularmente na prisão até ele ser transferido para o regime aberto. Dois anos depois do julgamento, o restante da pena foi cumprido em liberdade condicional. Ela pediu demissão do trabalho, os dois se mudaram para a cidade natal dela, no estado de Schleswig-Holstein. Abriram lá um pequeno escritório de advocacia. Ele vendeu as lojas e a casa e começou a fotografar. Há pouco tempo, ele fez a primeira exposição em Berlim: todas as fotos mostravam uma mulher nua sem rosto.

## A maleta

A policial congelava num acostamento do anel viário de Berlim. Estava com os colegas na última posição de uma blitz de rotina, um trabalho monótono, preferia ser um dos motoristas que estavam sentados no carro aquecido e precisavam apenas descer um pouco o vidro. Fazia -9 °C, no tapete de neve endurecida havia somente umas gramíneas crestadas; o frio úmido atravessava o uniforme e entrava sorratamente nos ossos. Ela gostaria de estar lá na frente, escolhendo os carros que eram checados, mas esse era um privilégio dos mais velhos. Havia apenas dois meses que fora transferida de Colônia para Berlim. Agora só conseguia pensar em sua banheira. O frio simplesmente não era para ela, em Colônia nunca fazia tanto frio assim.

O próximo automóvel era um Opel Omega, cinza-metálico, placa da Polônia. O carro parecia bem-cuidado, sem batidas, faróis e lanternas em ordem. O motorista desceu o vidro elétrico e estendeu para fora a carteira de habilitação e os documentos do carro. Tudo parecia absolutamente normal, ele não cheirava a álcool, sorria amistosamente. A policial não soube por que, mas teve um pressentimento estranho. Enquanto lia os documentos, tentou atinar o que era. No curso de formação, havia aprendido a confiar nos instintos, mas também precisava encontrar uma explicação lógica para eles.

Aquele era um carro alugado de uma firma internacional, o contrato de aluguel estava no nome do motorista, todos os papéis estavam presentes. Então ela percebeu o

que a incomodava: o carro estava vazio. Não havia nada dentro dele, nenhum papel de chiclete amassado, nenhum jornal, nada de mala, nenhum isqueiro, nenhuma luva, absolutamente nada. O carro estava tão vazio como se tivesse acabado de sair da fábrica. O motorista não sabia alemão. Ela acenou chamando um colega, que falava um pouco de polonês. Fizeram o homem sair do carro, ele continuava sorrindo. Pediram que abrisse o porta-malas, o motorista balançou a cabeça e apertou o botão. Também ali se via uma limpeza quase ao ponto de esterilização, com exceção de um objeto no meio: a maleta de couro falso vermelho. A policial apontou para ela e fez um sinal para que o homem a abrisse. Ele encolheu os ombros e sacudiu a cabeça negativamente. Ela se inclinou para a frente e viu os fechos. Eram simples fechos de segredo, todos no número zero, abriram sem resistência. Ela levantou a tampa da maleta. Recuou assombrada e com tanta brusquidão que bateu a cabeça na tampa do porta-malas. Ainda conseguiu virar-se para o lado e vomitou na rua. O colega, que não vira o conteúdo da maleta, sacou a arma e gritou para o motorista, mandando-o pôr as mãos sobre o teto do carro. Outros policiais correram até eles, o motorista foi rendido. A policial estava branca, com resto de vômito grudado nos cantos da boca. Ela disse: “Oh, meu Deus”, e então vomitou de novo.

---

Os policiais levaram o homem para a Keithstraße, onde fica a divisão de “Delitos Contra a Pessoa Humana”. A maleta vermelha foi enviada ao Instituto de Medicina Legal. Mesmo sendo domingo, Lanninger, o chefe do Instituto, foi chamado. Havia na maleta 18 fotocópias coloridas de cadáveres, supostamente de uma impressora a laser. Todas tinham uma expressão facial semelhante, a boca escancarada, globos oculares saltados. As pessoas morrem, e os médicos-legistas se ocupam delas, é sua profissão. Mas as imagens eram incomuns até mesmo para os funcionários do Instituto: todos os mortos, onze homens e sete mulheres, estavam deitados na mesma posição retorcida, de costas, quando foram fotografados, e todos com uma semelhança notável: estavam nus e, para fora da barriga, erguia-se a ponta grotesca de uma estaca de madeira.

---



“Jan Bathowitz”, estava escrito no passaporte polonês. Quando foi detido, eles quiseram interrogá-lo imediatamente, o intérprete da polícia já estava a postos. Bathowitz foi cortês, quase servil, mas não parava de repetir que primeiro queria ligar para a embaixada. Era seu direito, e acabaram lhe concedendo essa ligação. Ele disse seu nome, e o departamento jurídico da embaixada aconselhou-o a manter silêncio até a chegada de um advogado. Esse também era seu direito, e Bathowitz lançou mão dele.

O inspetor-chefe Pätzold podia manter o acusado preso até o fim do dia seguinte — e era isso mesmo o que queria fazer. Portanto, o polonês foi levado para a cadeia e trancado numa cela. Como fazem com todo preso, tomaram seus cadarços e cinto para que não se enforcasse. Quando cheguei no dia seguinte, às 14 horas, o interrogatório pôde começar. Desaconselhei Bathowitz a se deixar interrogar. Apesar disso, ele quis depor.

— Seu nome? — O inspetor-chefe Pätzold parecia entediado, mas estava atentíssimo. O intérprete traduziu todas as perguntas e respostas.

— Jan Bathowitz.

Pätzold verificou os dados pessoais, mandara examinar o passaporte, parecia ser autêntico. Desde o dia anterior corria uma consulta às autoridades polonesas para saber se havia alguma coisa contra Bathowitz. Mas todos sabemos que essas consultas duram uma eternidade.

— Senhor Bathowitz, você sabe por que está aqui?

— Seus policiais me trouxeram para cá.

— Sim. E sabe por quê?

— Não.

— Onde você conseguiu as fotos?

— Que fotos?

— Encontramos 18 fotos em sua maleta.

— Aquela maleta não é minha.

— Sei. E de quem é, então?

— De um comerciante de Witoslaw, minha cidade natal.

— E como se chama esse comerciante?

— Não sei. Ele me entregou a maleta e disse para trazê-la para Berlim.

— Mas você precisa saber o nome dele.

— Não, não precisei saber isso.

— Por quê?

— Eu o encontrei num bar. Ele falou comigo lá, pagou à vista, em dinheiro.

— Você sabia o que tinha nas fotos?

— Não, recebi a maleta fechada. Não tenho ideia.

— Você não olhou dentro dela?

— Estava fechada.

— Mas o fecho estava aberto. Você poderia ter dado uma olhada.

— Não faço esse tipo de coisa — disse Bathowitz.

— Senhor Pätzold — eu disse —, qual é a verdadeira acusação contra meu cliente? Pätzold olhou para mim. Essa era a questão, e ele, claro, sabia disso.

— Mandamos examinar as imagens. O professor Lanninger diz que os cadáveres são muito provavelmente autênticos.

— É mesmo? — eu disse.

— O que você quer dizer com “é mesmo”? Seu cliente tinha fotos de cadáveres na maleta. De cadáveres empalados.

— Ainda não entendi qual é a acusação. Transporte de fotos de cadáveres de uma impressora colorida? Lanninger não é um especialista em Photoshop, e *muito provavelmente* não significa *com certeza*. E, mesmo que fossem cadáveres autênticos, não é proibido ter fotografias deles. Simplesmente não há uma tipicidade penal.

Pätzold sabia que eu tinha razão. Apesar disso, eu era capaz de entendê-lo.

Poderíamos ter ido embora nesse momento. Levantei-me e peguei minha pasta. Mas então meu cliente fez uma coisa que não entendi. Ele pôs uma das mãos em meu antebraço e disse que o inspetor podia perguntar à vontade. Eu queria uma pausa, mas Bathowitz fez que não com a cabeça. Ele disse: “Acalme-se.”

Pätzold continuou a perguntar:

— De quem é a maleta?

Bathowitz:

— Do homem no bar.

— O que era para você fazer com ela?

— Já disse: trazer para Berlim.

— O homem lhe disse o que havia na maleta?

— Sim, disse.

— O quê?

— Disse que eram plantas de obra de um grande projeto. Muito dinheiro envolvido.

— Plantas de obra?

— Sim.

— Por que ele não mandou as plantas por um mensageiro?

— Também perguntei isso. Ele disse que não confia em mensageiros.

— Como assim?

— Disse que os mensageiros na Polônia sempre trabalham para dois lados. Ele preferia que um estranho, desconhecido de todos, levasse as coisas de carro.

— Para onde você devia levar as fotos?

Bathowitz hesitou por alguns segundos. Depois disse:

— Para o bairro de Kreuzberg.

Pätzold balançou a cabeça afirmativamente, parecia chegar a seu objetivo.

— Para quem em Kreuzberg? Como ele se chama?

Não entendo polonês, mas entendi a entonação de Bathowitz. Ele estava totalmente tranquilo.

— Não sei. Eu deveria entrar numa cabine telefônica, segunda-feira, às 17 horas.

— Como é que é?

— Mehringdamm, Yorkstraße. — Ele disse essas palavras em alemão. Depois voltou a falar em polonês:

— Nessa esquina tem uma cabine telefônica. Devo estar lá amanhã às 17 horas, então receberei uma chamada, que me dirá o que fazer em seguida.

Pätzold perguntou por mais uma hora. A história não se alterou. Bathowitz continuou amistososo, respondendo com polidez a cada pergunta, nada lhe tirava a calma. Pätzold não pôde refutar as informações.

Bathowitz teve as impressões digitais recolhidas e foi fotografado. O computador nada sabia sobre ele. A consulta voltou da Polônia, parecia estar tudo em ordem. Pätzold precisava liberar Bathowitz ou levá-lo à presença do juiz. O promotor rejeitou pedir ordem de prisão, Pätzold não tinha outra escolha. Perguntou a Bathowitz se ele entregaria a maleta à polícia. Bathowitz deu de ombros, queria apenas um recibo. Às 19 horas, ele pôde deixar a delegacia e despediu-se de mim nos degraus do velho edifício. Foi para o carro e desapareceu.

---

No dia seguinte, vinte policiais se posicionaram nas proximidades da cabine telefônica, as viaturas na vizinhança foram chamadas. Um policial à paisana de origem polonesa, que tinha mais ou menos a estatura de Bathowitz e usava roupa semelhante, estava dentro da cabine por volta das 17 horas com a maleta vermelha. Um juiz autorizou a interceptação telefônica. O telefone não tocou.

---

Um corredor encontrou o corpo na manhã de terça-feira, no estacionamento de um parque florestal. A Browning calibre 6.35mm deixara apenas buracos pequenos, circulares, com diâmetro de menos de meio centímetro. Foi uma execução. Pätzold pôde apenas arquivar o processo e informar os colegas poloneses. O caso do cadáver de Bathowitz nunca foi esclarecido.

## Ânsia

Ela pusera a cadeira na frente da janela, onde gostava de tomar o chá. Dali podia ver o playground. Uma menina dava cambalhotas, dois meninos observavam. Ela era um pouco mais velha que os dois. Levou um tombo e começou a chorar. Correu ao encontro da mãe e mostrou-lhe os cotovelos esfolados. A mãe tinha uma garrafa d'água e um lenço, e com algumas batidinhas leves limpou a ferida. A menina olhava para os meninos enquanto estava entre as pernas da mãe e lhe estendia o braço. Era domingo. Dentro de uma hora ele voltaria com os filhos. Ela abriria uma toalha sobre a mesinha de centro, amigos tinham anunciado uma visita. Fazia silêncio no apartamento. Ela continuou com o olhar fixo no playground, sem ver o que acontecia lá.

Eles iam bem. Ela fazia tudo como sempre havia feito. As conversas com o marido sobre o trabalho, as compras no supermercado, as aulas de tênis dos filhos, Natal na casa dos pais ou dos sogros. Dizia as mesmas frases que sempre dizia, usava as mesmas coisas que sempre usava. Ia comprar sapatos com as amigas e, graças à babá, podia ir ao cinema uma vez por mês. Mantinha-se a par das exposições e peças de teatro. Via noticiários, lia a seção política do jornal, preocupava-se com os filhos, ia às reuniões de pais. Não praticava esportes, mas nem por isso tinha engordado.

O marido era o par ideal — ela sempre acreditara. Ele não pôde fazer nada a respeito. Ninguém pôde. Simplesmente aconteceu. Ela não fora capaz de combater. Ela se lembrava de cada detalhe da noite em que tudo ficou claro.

— Você está doente? — perguntara ele. — Parece pálida.

— Não.

— O que você tem?

— Nada, amor, vou me deitar agora. Hoje foi um dia longo.

Bem mais tarde, quando estavam na cama, ela de repente não pudera mais respirar. Ficara acordada até de manhã, rígida de medo e culpa, cãibra nas coxas. Não havia desejado isso, mas agora era uma coisa que não ia mais embora. E, na manhã seguinte, depois de preparar o café da manhã das crianças e checar as mochilas delas, soube que aquela sensação nunca mais seria diferente: tudo nela era vazio. Teria de seguir vivendo assim.

\*

Isso tinha sido dois anos antes. Eles continuaram vivendo juntos, ele não via essa sensação nela, ninguém via. Raramente faziam sexo, e, quando faziam, ela era gentil com ele.

Aos poucos tudo desapareceu, até ela virar apenas uma casca. O mundo lhe era estranho, ela não fazia mais parte dele. As crianças riam, o marido se irritava, os amigos discutiam — nada a tocava. Ficava séria, ria, chorava, consolava — tudo como sempre e conforme a necessidade. Mas quando vinha o silêncio, quando olhava para as outras pessoas no café e no trem urbano, ela achava que nada mais lhe dizia respeito.

A certa altura ela começou com isso. Ficou meia hora na frente da prateleira de meias, foi embora, depois voltou. Aí pegou, sem se importar com a cor ou o tamanho. Socou o pacote debaixo do sobretudo, com a máxima pressa, as meias escorregaram para o chão, ela se curvou, depois fugiu. O coração disparou, como se fosse sair pela boca, tinha manchas na mão. Ela suave dos pés à cabeça. Não sentia as pernas, tremia, seguir adiante, passar pelo caixa, alguém esbarrou nela. Finalmente o ar frio da noite, chuva. Estava inundada de adrenalina, quis gritar. Duas esquinas depois, jogou as meias numa lata de lixo. Tirou os sapatos, correu pela chuva até em casa. Diante da porta, olhou para o céu, a água estalava na testa dela, nos olhos, na boca. Estava viva.

Roubava apenas coisas supérfluas. E só roubava quando não suportava mais o mundo ao redor. Ela sabia que nem sempre teria sorte. O marido diria que isso se devia à natureza da coisa. Ele sempre dizia frases desse tipo. Ele tinha razão. Quando o detetive a pegou, ela confessou tudo imediatamente, na rua mesmo. Os transeuntes ficaram parados olhando, uma criança apontou para ela e disse: “A mulher roubou.” O detetive a segurou pelo braço. Levou-a para seu escritório e escreveu uma notificação para a polícia: nome, endereço, circunstâncias do delito, valor da mercadoria: 12,99 euros, campo para marcar com x: “Confessou: sim/não”. Ele trajava uma camisa xadrez e tinha cheiro de suor. Ela era a mulher com a bolsa Louis Vuitton e a carteira Gucci, com cartões de crédito e 845,36 euros em dinheiro. Ele lhe mostrou onde devia assinar. Ela leu a folha de papel e por um momento refletiu se deveria corrigir a ortografia dele, como fazia com os filhos. Ele disse que ela receberia correspondência da polícia e lhe sorriu de modo afetado. Em cima da mesa havia restos de um pãozinho de linguiça. Ela pensou no marido, viu um julgamento pela frente, um juiz que a interrogava. O detetive a levou para fora por um acesso lateral.

A polícia exigiu dela uma declaração escrita. Ela foi ao meu escritório levando o que havia escrito, algo executado às pressas. Era a primeira vez, o valor era ínfimo, ela não tinha antecedentes criminais. O promotor arquivou o processo. Ninguém na família ficou sabendo do caso.

As coisas se acalmaram como tudo na vida dela se acalmava.

## Neve

De pé na cozinha, o velho fumava. Estava quente naquele dia de agosto, ele abrira as janelas. Olhou para o cinzeiro: uma sereia nua com rabo de peixe verde; embaixo, em letra cursiva: “Bem-vindo à Reeperbahn.” Ele não sabia onde o havia adquirido. A cor da moça estava desbotada, o “R” de “Reeperbahn” já desaparecera. As gotas d’água rebentavam na pia de metal, lenta e pesadamente. Isso o acalmava. Gostaria de continuar indefinidamente junto à janela, fumando, sem fazer nada.

O comando de operações especiais se reunira na frente da casa. Os policiais usavam uniformes que pareciam grandes demais, capacetes pretos e viseiras transparentes. Eram acionados quando ficava muito difícil para os outros, quando armas e resistência eram esperadas. Eram homens duros, com um código de conduta rigoroso. O contingente também tivera mortos e feridos durante as intervenções, a adrenalina estava represada neles. Tinham a ordem de intervenção: “Residência com drogas, suspeitos talvez armados, prisão.” Agora estavam em silêncio ao lado dos barris de lixo no pátio, esperavam no poço da escada e na frente do apartamento, o calor era intenso debaixo dos capacetes e das máscaras de assalto. Estavam esperando a palavra do chefe do comando, cada um deles queria ouvi-la já. Em algum momento, ele gritaria “Ataque”, e então eles fariam aquilo para o que tinham sido treinados.

O velho à janela pensou em Hassan e nos amigos. Eles tinham a chave de seu apartamento e, quando iam à noite, faziam os pacotinhos na cozinha, num processo



que chamavam de “batizar”: dois terços de heroína, um terço de lidocaína. Com um macaco mecânico, prensavam a mistura formando tijolos, que pesavam 1 quilo cada um.

Hassan pagava ao velho mil euros por mês, e pagava pontualmente. Claro, isso era um exagero para o quarto e cozinha no prédio dos fundos, quarto andar, com pouca iluminação. Mas eles queriam o apartamento do velho, nada era melhor como “bunker”, como eles chamavam. A cozinha era grande o suficiente, e não precisavam de mais. O velho dormia no quarto e, quando eles chegavam, ligava a televisão para não ter de ouvi-los. Só não podia cozinhar mais, a cozinha estava tomada por filmes plásticos, balanças de precisão, espátulas e rolos de fitas adesivas. O pior de tudo era a poeira branca, que se depositava sobre qualquer coisa como uma fina capa. Hassan havia explicado o risco ao velho, que não dera importância. Não tinha nada a perder. Era um bom negócio, e, seja como for, ele nunca tinha cozinhado mesmo. Tragou o cigarro e olhou o céu: nenhuma nuvem, ainda fazia calor até o romper da noite.

Ele só ouviu os policiais quando derrubaram a porta. Foi rápido, e não fazia sentido defender-se. Ele foi empurrado para o chão, caiu sobre a cadeira da cozinha e quebrou duas costelas. Em seguida, eles perguntaram aos gritos onde estavam os árabes. Como eram muito barulhentos, ele não disse nada. E porque as costelas lhe doíam. Também mais tarde, na presença do juiz de instrução, ele se manteve calado, tinha estado várias vezes na prisão e sabia que era muito cedo para falar; já não o deixariam em paz.

---

O velho estava deitado na cama, cela 178, prédio C do centro de detenção. Ouviu o barulho da chave e sabia que agora tinha de dizer alguma coisa à agente penitenciária ou balançar a cabeça ou mexer o pé, do contrário ela não iria embora. Ela aparecia toda manhã às 6h15 para o que eles chamavam de “controle dos vivos”, examinando se algum dos presos tinha morrido durante a noite ou se matado. O velho disse que estava tudo em ordem. A agente também teria levado a correspondência dele, mas o velho não tinha ninguém a quem pudesse escrever, e ela

nem perguntava mais. Ao se ver sozinho de novo, virou-se para a parede. Olhou fixamente a tinta a óleo amarelo-clara, as paredes eram pintadas assim em dois terços, em cima uma faixa branca, o piso era cinza-claro. Tudo ali tinha esse aspecto.

Já ao acordar, pensara no fato de naquele dia ser seu aniversário de casamento. E isso o fez pensar novamente no homem que dormiu com sua mulher — com sua mulher.

Tudo começara com uma camisa de baixo. Ele se lembrava da noite de verão de 22 anos antes, encontrara a peça embaixo da cama. Ela havia ficado lá, uma bolota de pano amassada e imunda. Aquela camisa de baixo não era dele, embora a mulher lhe tivesse martelado que era. Depois disso, as coisas nunca mais foram como antes. Acabou limpando os sapatos com a tal camisa, mas isso não adiantara de nada, e em algum momento ele percebera que tinha de mudar de casa senão ia enlouquecer. A mulher chorara. Ele não levava nada consigo: o dinheiro, o carro e até mesmo o relógio, presente da mulher, tinham ficado para trás. Pedira as contas, embora tivesse um bom emprego, mas não podia mais ir, não conseguia suportar mais nada. Havia se embriagado todas as noites, de forma sistemática e silenciosa. Até que isso se tornara um hábito, e ele terminara submerso num mundo de cachaça, pequenos delitos e assistência social. Não queria nada diferente. Esperava o fim.

Mas naquele dia aconteceu algo inesperado. A mulher que queria falar com ele se chamava Jana e tinha um sobrenome abarrotado de consoantes. Eles lhe disseram que não era nenhuma confusão, que ela solicitara uma autorização de visita e, para isso, não precisava da permissão dele. Portanto, na hora marcada, ele se dirigiu à sala de visitantes e se sentou com ela à mesa, coberta por um plástico verde. O guarda que vigiava a conversa se sentou no canto e procurou não perturbar.

Ela o olhou fixamente. Ele sabia que estava horrível, fazia anos que o nariz e o queixo cresciam em direção um ao outro, já quase formavam um semicírculo, ele mal tinha cabelos, e a barba por fazer era grisalha. Apesar disso, ela o olhou fixamente. E ficou olhando como ninguém mais o olhara havia vários anos. Ele coçou o pescoço. Depois ela lhe disse com um forte sotaque polonês que ele tinha mãos bonitas; o velho sabia que ela estava mentindo, mas tudo bem, gostou do jeito como ela falou. Era bonita. Como a Nossa Senhora na igreja do vilarejo, ele pensou. Quando menino, ele sempre a olhava durante a missa e imaginava que Deus esteve dentro da barriga dela e que

era um enigma como ele tinha saído de lá. Jana estava no sétimo mês, tudo nela era redondo, cheio de vida e radiante. Ela se curvou sobre a mesa e com a ponta dos dedos tocou as bochechas encovadas dele. O velho fitou os seios dela, envergonhou-se e disse:

— Não tenho mais dentes.

Tentou sorrir. Ela balançou a cabeça docemente, ficaram sentados por vinte minutos na mesa e não disseram nada, nem uma palavra sequer. O guarda já conhecia isso, era frequente que prisioneiros e visitantes não tivessem nada a dizer. Quando o guarda disse que o tempo de visita chegara ao fim, ela se levantou, curvou-se mais uma vez rapidamente e cochichou no ouvido do velho: “Meu filho é do Hassan.” Ele sentiu o perfume dela, os cabelos da mulher em seu rosto envelhecido. Ela enrubesceu. Isso foi tudo. Então ela se foi, e ele foi levado de volta à cela. Sentado na cama, o velho contemplou as próprias mãos, as manchas senis e as cicatrizes, pensou em Jana e no bebê na barriga dela, pensou em como era quente e seguro lá dentro, e sabia o que tinha de fazer.

---

Quando Jana voltou para casa, Hassan estava dormindo. Ela se despiu, deitou-se ao lado dele, sentiu a respiração de Hassan na nuca. Amava aquele homem, o qual não conseguia entender. Ele era diferente dos rapazes de sua aldeia na Polônia, era adulto, com uma pele que parecia de veludo.

Mais tarde, quando Hassan despertou por alguns instantes, ela lhe disse que o velho não deporiam contra ele, que ele podia ficar sossegado. Só precisava fazer uma coisa pelo velho, comprar-lhe dentes novos, ela já tinha falado com um assistente social que poderia cuidar disso. Ninguém ficaria sabendo. Ela falou muito rápido, estava agitada. Hassan acariciou a barriga da mulher até ela adormecer.

---

— Seu cliente gostaria de dar informações sobre os homens por trás disso? O tribunal poderia cogitar poupá-lo, nesse caso, da continuação da prisão preventiva.

Ele havia assumido a defesa como causa *pro bono* e pedira a revisão da ordem de

prisão preventiva. Tudo estava negociado com o tribunal, o homem seria posto em liberdade. Não foi um processo complicado. Os policiais haviam encontrado 200 gramas de heroína no apartamento. Pior ainda: havia uma faca no bolso do velho. A lei chama isso de “tráfico de entorpecentes com emprego de arma”, a pena mínima — tal como no homicídio culposo — é de cinco anos. Com isso a lei pretende proteger os policiais de ataques. O velho precisava dizer o nome do verdadeiro criminoso, parecia ser sua única chance. Mas ele ficou calado.

— Nesse caso, a prisão preventiva continua — disse o juiz balançando a cabeça.

O velho estava contente. A moça polonesa não devia ter o filho sozinha. “Isso é mais importante do que eu”, pensou e, ainda enquanto pensava, soube que ganhara algo diferente de sua liberdade — e mais significativo do que ela.



Quatro meses mais tarde ocorreu o julgamento. Eles buscaram o velho na cela e o levaram à sala de audiências. Tiveram de parar brevemente na frente da árvore de Natal. Ela estava no corredor principal da penitenciária, imensa e estranha, as velas elétricas refletiam-se nas bolas, as quais estavam penduradas segundo uma ordem, as grandes embaixo, as pequenas em cima. O cabo de energia que saía do tambor de cabo vermelho claro estava colado no chão com sinais de aviso preto e amarelo. Havia normas de segurança para isso também.

Ficou logo claro aos juízes que o velho não podia ser o proprietário das drogas, ele simplesmente não teria dinheiro para tanto. Apesar disso, discutia-se a pena mínima de cinco anos. Ninguém queria condená-lo tão severamente, seria injusto, mas parecia não haver saída.

Durante uma pausa na audiência, aconteceu algo curioso: o velho comia uma fatia de pão com queijo, que ele cortou em pedaços minúsculos com uma faca de plástico. Quando olhei para ele, o velho se desculpou dizendo que não tinha mais dentes e que precisava cortar em pedacinhos tudo o que comia. Então o resto ficou fácil. Para isso — e apenas para isso — ele pusera a faca no bolso: precisava dela para poder comer. Houve uma decisão da Corte Suprema Federal segundo a qual não se tratava de tráfico de entorpecentes com emprego de arma se a faca tinha claramente outro

propósito.

A questão dos dentes fora, talvez, uma explicação peculiar, mas aquele era também o último julgamento do ano. Todos estavam descontraídos, nas pausas o promotor falou dos presentes que ainda não comprara, e todos se perguntavam se ainda nevaria ou não. Por fim, a câmara criminal condenou o homem a dois anos de condicional, e ele foi posto em liberdade.

Perguntei-me onde ele passaria o Natal, o contrato de aluguel do apartamento fora cancelado e ele não tinha ninguém com quem ficar. Num dos corredores superiores, eu o vi descer as escadas vagarosamente.



Em 24 de dezembro, o velho estava deitado na clínica. Embora a cirurgia estivesse marcada apenas para 2 de janeiro, a clínica fizera questão de que, após a libertação, ele fosse levado diretamente para lá, pois tinham uma recaída alcoólica. O assistente social organizara tudo, mas o velho inicialmente relutou ao ficar sabendo. Então ouviu que “uma tal Jana”, como disse o assistente social, já pagara pelos novos dentes na clínica. E como isso partia dela, ele fez de conta que era uma parente e consentiu.

A cama da clínica era limpa, ele tinha se banhado e barbeado, e eles lhe haviam dado um pijama com uma estampa de flores amarelas. Na mesa de cabeceira havia um Papai Noel de chocolate. O peito dele estava afundado, e ele parecia estranhamente distorcido. O velho gostou disso: “Ele é como eu”, pensou. Tinha um pouco de medo da operação, eles pretendiam tirar um pedaço de osso de seu quadril, e em poucos meses ele poderia, enfim, voltar a comer normalmente. Ao adormecer, não sonhou mais com a camiseta embaixo da cama. Sonhou com Jana, os cabelos, o cheiro e a barriga dela; ele estava feliz.

A cerca de 2 quilômetros dali, Jana estava sentada no sofá e contava a história do Natal para o bebê, que dormia. Cozinhou uma sopa de beterraba para Hassan. Fora trabalhoso, mas ela sabia fazer a sopa, a mãe de Jana sustentara a pequena família a duras penas após a morte do pai, em Karpacz, no sudoeste da Polônia. Sopa de peito de vaca e beterraba para os turistas que excursionavam pela montanha e tinham fome — essa fora sua infância. Todo dia, a mãe ficava do lado de fora na neve com

panelas e fogareiros na companhia das outras mulheres, e elas jogavam na neve atrás de si os legumes espremidos. Jana falou ao bebê sobre a neve vermelha, que se via já de longe, e sobre o cheiro maravilhoso da sopa e do bico de gás. Ela pensou na aldeia lá nas montanhas, na família, e contou a história de Natal, das luzes amarelas e gansos assados e do tio Malek, que era dono da padaria e que naquele dia, com certeza, fizera o maior bolo de todos.

Hassan não retornaria, ela sabia. Mas esteve junto dela quando nasceu o bebê, tinha segurado sua mão e limpado o suor de sua testa. Ficara tranquilo enquanto ela gritava, ele sempre mostrava tranquilidade quando era importante ficar tranquilo, e ela achava que nada lhe aconteceria enquanto ele estivesse ao seu lado. Mas também presentira que ele iria embora, era muito jovem. Ela só podia viver em paz amando-o de longe. De repente, viu-se sozinha, sentia falta da aldeia e da família, a saudade era tão grande que doía; decidiu pegar o trem para a Polônia na manhã seguinte.

Hassan transitava pela cidade. Ele não podia ir ao encontro dela, não sabia o que dizer. Estava prometido a outra mulher no Líbano, precisava se casar com ela como já estava definido pelos pais desde a infância. Jana era uma boa mulher, salvara-o da prisão, era clara e simples em todas as coisas. Aos poucos foi crescendo nele uma fúria, uma fúria consigo mesmo e com a família e com tudo o mais. Foi aí que ele o viu.

O homem estava saindo de uma loja, tinha comprado os últimos presentes. Devia a Hassan 20 mil euros e simplesmente sumira. Fazia semanas que Hassan o procurava. Parou o carro, pegou o martelo no porta-luvas e seguiu o homem até a entrada de uma casa. Apertou-lhe a garganta e jogou-o contra a parede, as sacolas caíram no chão. O outro disse que pagaria, mas precisava de tempo. Suplicou. Hassan não o ouviu mais, cravou os olhos nos pacotinhos de presente caídos no saguão de entrada, viu os Papais Noéis impressos e os laços dourados dos embrulhos, e de repente tudo ocupou sua cabeça ao mesmo tempo: Jana e o bebê, o calor do Líbano, o pai e a futura esposa, e percebeu com clareza que já não podia modificar nada nisso tudo.

Passou um tempo longuíssimo, e mais tarde um vizinho disse que entre os gritos ouviu o baque, úmido e surdo, como num açougue. Quando a polícia finalmente conseguiu tirar Hassan de cima do tronco do homem, a boca da vítima era uma massa de sangue: com o martelo, Hassan lhe tinha quebrado onze dentes.

Naquela noite realmente caiu neve. Era Natal.

## A chave

O russo falava alemão com um sotaque carregado. Eram três e estavam sentados num café em Amsterdã em três sofás vermelhos. Fazia horas que o russo tomava vodca; Frank e Atris bebiam, cerveja. Eles não podiam adivinhar a idade do russo, talvez 50, a pálpebra esquerda caída desde um derrame, dois dedos faltantes na mão direita. Dizia que tinha sido militar de carreira no Exército Vermelho, “Tchetchênia e tal”, e erguia a mão mutilada. Gostava de falar da guerra. “Ielstín é uma mulher, mas Putin não, Putin é um homem”, dizia. Segundo ele, agora o que mandava era a economia de mercado, todos haviam compreendido; economia de mercado significava que tudo pode ser comprado, dissera ele. Um cargo de deputado custa 3 milhões de dólares, um posto de ministro, 7 milhões. Na guerra com a Tchetchênia era tudo melhor, mais honesto, ali havia homens. Ele respeitava os tchetchenos, afirmou. Disse que matara muitos deles. Lá as crianças já brincavam com Kalashnikovs, eram bons guerreiros, tinham fibra. Devia-se brindar a isso. Beberam muito naquela noite.

Eles tiveram de ouvir o russo falar por um bom tempo. Finalmente ele tocou no assunto das pílulas. Seriam produzidas por químicos da Ucrânia, cujas empresas estatais haviam sido dissolvidas, eles haviam perdido o emprego. Teriam de trabalhar por conta própria, afinal as mulheres e os filhos precisavam comer. O russo ainda oferecera tudo que podia: metralhadoras, morteiros, granadas. Trazia na carteira uma foto de um tanque. Olhara com ternura para a foto antes de mostrá-la aos outros. Dissera que também podia criar vírus, mas esse era um negócio sórdido. Todos concordaram.



Frank e Atris não queriam armas, queriam as pílulas. Na noite anterior, haviam experimentado as drogas em três moças, que tinham levado consigo de uma casa noturna. As garotas, um pouco em inglês, um pouco em alemão, haviam dito que estudavam história e política. Tinham ido de carro para o hotel. Havia bebido e rodado sem rumo. Frank e Atris lhes haviam dado as pílulas. Atris não parava de pensar nas coisas que tinham feito em seguida. A ruiva se deitara na mesa diante de Frank e derramara no rosto os pedaços de gelo tirados do balde de champanhe. Gritara que estava muito quente e que era para Frank lhe dar uns tapas, mas ele não teve vontade. Ele ficara em pé com as calças arriadas diante da mesa e fumara um cigarro enorme, movendo os quadris no mesmo ritmo lento, com as pernas da moça sobre o peito. Ao mesmo tempo, fizera um complicado discurso sobre a dissolução do comunismo e suas consequências para a narcoeconomia. Mas por causa do cigarro era difícil entendê-lo. Atris ficara deitado na cama observando o amigo. Depois que proibira as duas moças entre as pernas dele de continuar o que estavam fazendo, elas caíram no sono, uma ainda dormira com o dedão do pé dele na boca. Atris percebera que as pílulas seriam ideais para Berlim.

O russo passou a falar dos cães farejadores, sabia tudo sobre eles.

— Na Coreia do Sul eles até clonam as criaturas, de tão caros que são — disse.

Era preciso soldar uma caixa de metal no carro, e prepará-la, enchê-la de saco para lixo, café, sabão em pó, tudo separado por plástico grosso. Só assim haveria chance de os cães não farejarem nada. Em seguida ele voltou a falar da guerra. Perguntou a Atris e Frank se já haviam matado. Frank, com a cabeça, disse que não.

— Os tchetchenos são iguais a batatas fritas — disse o russo.

— O quê? — perguntou Frank.

— Batatas fritas. Os tchetchenos são iguais a um saquinho de batatas fritas.

— Não estou entendendo — disse Frank.

— Depois de começar a matá-los, não consegue mais parar até acabarem. Você tem de matar todos. Cada um deles. — O russo riu. De repente, ficou sério. Olhou fixo para a mão aleijada. — Senão eles voltam — disse.

— Ah — disse Frank. — A revolta das batatas fritas... Podemos agora retomar o assunto das pílulas? — Ele queria ir para casa.

O russo gritou para Frank:

— Seu babaca de merda, por que não me escuta? Olha seu amigo. Ele é uma bola

de carne, mas pelo menos escuta.

Frank olhou para Atris, que estava sentado no canto do sofá. Uma veia azul-escura saltou na testa de Atris. Frank conhecia aquela veia e sabia o que viria a seguir.

— Estamos aqui falando da guerra, e você não tem tempo para escutar? Assim não podemos fazer negócio. Vocês são uns idiotas — disse o russo.

Atris se levantou, ele pesava 110 quilos. Levantou a mesa de vidro por um dos lados até incliná-la; garrafas, copos e cinzeiro caíram no chão. Ele foi para cima do russo, que se levantou num pulo, era mais rápido do que se esperava. Sacou da cintura uma pistola e pressionou o cano da arma na testa de Atris.

— Calma, meu amigo — disse ele. — Esta é uma Makarov. Ela faz uns buracos grandes, muito grandes, é melhor do que esses brinquedos americanos. Sente-se ou vai ver uma baita sujeira.

O rosto de Atris estava inchado e vermelho. Ele deu um passo para trás. O cano da pistola deixara sua testa marcada de branco.

— Agora sim. Sentem-se de novo. Vamos beber — disse o russo. Ele chamou o serviço. Eles se sentaram e continuaram a beber.

Aquele seria um bom negócio. Ganhariam muito dinheiro, não haveria problema. Agora só precisavam esfriar a cabeça, pensou Atris.

Em frente ao café, havia um ponto de ônibus. A mulher que esperava sentada no banco não chamava a atenção de ninguém. Puxara o capuz do pulôver preto sobre a cabeça e, na escuridão, mal se distinguia do ambiente ao redor. Não subia em nenhum dos ônibus. Parecia dormir. Apenas quando Atris se levantara ela abriu os olhos por uns instantes. Foi o único momento em que se mexeu.

Atris e Frank não a notaram. Tampouco viram o russo lhe fazer um breve sinal.

—

Da sacada do apartamento na Kurfürstendamm, Atris examinava o Golf azul-escuro. Estava chovendo. Em 24 horas, Frank estaria de volta de Amsterdã, eles teriam a nova droga sintética, melhor do que qualquer coisa no mercado. O russo dissera que lhes daria as pílulas por uma comissão, eles deveriam lhe pagar em apenas três

semanas 250 mil euros.

Atris se virou e voltou para dentro do apartamento de Frank. Era um velho edifício clássico berlinense, pé-direito de 3,80 metros, estuque, assoalho de tacos, cinco cômodos. Estavam quase vazios. A namorada de Frank era arquiteta de interiores. Ela dissera: “Os espaços devem sobressair.” Depois, removera os sofás e cadeiras e tudo o mais. Agora todos deviam se sentar em blocos de feltro cinza com um encosto minúsculo. Atris achava desconfortável.

Antes de partir, Frank dissera a Atris o que este devia fazer. Suas instruções haviam sido claras e simples. Frank sempre falava de modo simples e claro com ele.

— Não é difícil, Atris, basta ouvir com atenção. Primeiro: não perca a chave de vista. Segundo: preste atenção no Maserati. E terceiro: só saia do apartamento quando o Buddy precisar cagar. — Buddy era o dogue alemão de Frank. Frank fizera Atris repetir cinco vezes. “Chave, Maserati, Buddy.” Ele não esqueceria. Atris admirava Frank. Frank nunca zombava dele. Sempre lhe dissera o que devia fazer, e Atris sempre fizera. Sempre.

Quando tinha 14 anos, Atris era o mais fraco da sala, e no distrito de Wedding o mais fraco apanhava. Frank o defendia. E Frank também lhe comprara o primeiro anabolizante, dissera que Atris ficaria forte com ele. Atris não sabia onde Frank adquirira o troço. Aos 20 anos, o médico diagnosticou o fígado comprometido. Seu rosto se enchera de pústulas e nódulos supurantes. Aos 22, quase não tinha mais testículos. Mas nesse meio-tempo Atris ficara forte, ninguém mais o surrava, e ele não acreditava no rumor de que os anabolizantes tinham origem na criação de gado.

Naquele dia ele assistiria a alguns DVDs, tomaria cerveja e sairia algumas vezes com o cachorro. O Maserati estava parado lá embaixo na rua. A chave do escaninho estava em cima da mesa da cozinha. Frank escrevera num bilhete: “18 horas dar comida para o Buddy.” Atris não gostava daquele animal imenso, que olhava tão estranho para ele. Certa vez, Frank dissera que também dera anabolizante a Buddy e alguma coisa saíra errado, o cachorro simplesmente nunca mais foi o mesmo. Mas com ele, com Atris, que todo mundo achava abobado, nada sairia errado dessa vez.

Ele voltou para o quarto vazio e tentou ligar a TV da marca Bang & Olufsen. Sentou-se num dos bancos de feltro e levou um tempão para entender o controle remoto. Atris estava orgulhoso de ser ele a quem Frank confiara o apartamento, o cachorro, o carro e a chave do escaninho num armário da nova Estação Central de metrô. Ele pegou um cigarro de maconha da mesa e o acendeu. Eles seriam ricos, pensou, ele compraria para a mãe uma cozinha nova, uma com forno duplo que vira numa das revistas brilhosas na casa de Frank. Bafou um anel de fumaça e imediatamente o aspirou de novo. Em seguida, pôs os pés na mesa e tentou acompanhar o *programa*.

A comida do cachorro consistia em pedacinhos de carne, a tigela estava em cima da mesa da cozinha. O dogue estava deitado no chão de ladrilhos pretos e brancos. Ele tinha fome, sentiu o cheiro da carne, levantou-se, rosnou e começou a latir. No quarto, Atris deixou o controle remoto cair, correu para a cozinha. Chegou tarde demais. O dogue puxara a toalha da mesa para o chão, os pedaços de carne voaram pelo ar numa massa compacta, Atris viu que o dogue estava literalmente de pé, abriu a boca e esperava. De repente, alguma coisa reluziu entre os pedaços de carne, Atris precisou de um centésimo de segundo para compreender. Gritou “Fora!”, e pulou de sua posição na soleira da porta. O dogue foi mais rápido e nem fez caso do homem. A massa de carne aterrisou na boca aberta do cão, que nem sequer a mastigou, simplesmente engoliu. Atris escorregou pelo chão e chocou-se contra a parede na frente do cachorro. Com poucas lambidas o cachorro limpou o ladrilho. Atris gritou com ele, abriu-lhe a boca à força e viu a goela do animal, deu-lhe uma chave de pescoço e o esganou. O cachorro rosnou e tentou mordê-lo, Atris não foi rápido o suficiente e o cachorro alcançou o lóbulo esquerdo do homem e o arrancou. Atris deu um soco no focinho do cão. Depois se sentou no chão, o sangue pingando nos ladrilhos, a camisa rasgada. Atris encarava o cão, e o cão encarava Atris. Não fazia nem duas horas que Frank saíra de casa e ele já tinha arruinado a missão: o cachorro engolira a chave do escaninho.

---

Eles o espancaram quase até a morte. Foi um deslize.

Desde a fronteira, Frank vinha sendo seguido pelo comando de operações especiais.

Ele se dirigira a um estacionamento. Precisava ir ao banheiro. O chefe do comando estava nervoso. Tomou uma decisão errada e deu a ordem para prendê-lo. Mais tarde, a agência estadual de investigações teve de pagar ao arrendatário do posto de gasolina as duas pias quebradas, o vaso sanitário, a porta arrombada, o secador de mãos e a limpeza do local. Eles arrastaram Frank com um saco na cabeça para fora do banheiro e o levaram para Berlim. Ele oferecera resistência.

\*

A mulher do pulôver com capuz seguira o Golf de Frank desde Amsterdã. Com um binóculo, ela observara a intervenção da polícia. Ao término, telefonara de uma cabine telefônica para o número de um celular roubado em Amsterdã. A conversa durou 12 segundos. Depois voltou para o carro, digitou um endereço no aparelho de GPS, puxou o capuz para trás e retornou à via expressa.

---

Por oito horas, Atris ficou esperando o cão vomitar a chave. Depois desistiu e arrastou Buddy para a rua. A chuva engrossara, o cachorro ficou todo molhado e, quando finalmente entrou no Maserati, empestou o carro todo. Atris teria de limpar o estofamento mais tarde, primeiro precisava da chave. O veterinário dissera ao telefone que ele devia ir já. Atris deu a partida. Estava furioso. Pisou fundo demais no acelerador. O carro saiu com tudo da vaga, o para-lama direito raspou no para-choque do Mercedes à frente. Houve um ruído metálico. Xingando, Atris pulou para fora e foi ver o estrago na pintura. Tentou polir o arranhão com os dedos, uma farpa rasgou sua pele e ele sangrou. Atris chutou o Mercedes, entrou novamente no carro e saiu. O sangue no dedo manchava o couro claro do volante.

A clínica do veterinário ficava no térreo de uma casa em Moabit. Na placa azul lia-se “Clínica de animais pequenos”. Atris não sabia ler bem. Após decifrar a placa, ele se perguntou se Buddy era um animal pequeno. Puxou o cachorro para fora do carro e na rua lhe deu um chute no traseiro. Buddy tentou mordê-lo, mas em vão.

— Cachorro de uma figa, seu animalzinho — disse Atris.

Ele não queria esperar e gritou com a enfermeira. Ela o deixou passar na frente

porque ele fazia muito barulho. Ao entrar na sala de tratamento, Atris pôs mil euros em notas de cinquenta sobre a mesa de aço na frente do veterinário.

— Doutor, esse vira-lata de merda engoliu uma chave. Eu preciso dessa chave. Mas também preciso do cão. Corta esse bicho, tira a chave, e costura ele de novo — disse Atris.

— Primeiro tenho de tirar um raio-X — disse o veterinário.

— Tô me lixando para o que você vai fazer. Eu preciso da chave. E preciso dar o fora. Preciso da chave e do cachorro.

— Você não pode levar o cachorro se eu operá-lo. Ele tem de ficar em repouso aqui pelo menos dois dias. Você tem de deixá-lo aqui.

— Abre o animal, ele vem comigo depois. O bicho é forte, vai sobreviver — disse Atris.

— Não.

— Dou mais dinheiro — disse Atris.

— Não. Não é o dinheiro que vai trazer saúde para o cachorro.

— Que besteira — disse Atris. — Qualquer coisa recobra a saúde com dinheiro. Não é para o vira-lata que vou dar dinheiro, é para você. Você abre, pega a chave e fecha de novo. Você fica com o dinheiro. Todos vão para casa felizes.

— Impossível. Por favor, entenda. Simplesmente não vai dar, não importa quanto você me pague.

Atris refletiu. Andou de um lado para o outro na clínica.

— OK. Então um negócio diferente. O vira-lata não pode simplesmente cagar a chave?

— Se você tiver sorte, sim.

— Você pode lhe dar alguma coisa para ele cagar mais rápido?

— Você diz um laxante? Sim, isso é possível.

— Pois bem. Você é burro mesmo, hein? Por que eu preciso explicar tudo? Afinal o médico é você. Dê o laxante para ele. Muito, como se fosse para um elefante. Vamos lá, rápido.

— Você precisa dar um laxante natural. Carne de fígado, pulmão, teta.

— O quê?

— Isso ajuda.

— Você tá louco? Onde eu vou arranjar teta? Não posso instigar um cão para cima de uma vaca e fazer ele morder uma teta. — Atris olhava para os seios da

ajudante da clínica.

— Você pode comprar essas coisas no açougue.

— Dê um comprimido para ele. Agora. Vamos. Você é o médico, você fornece comprimidos. Um açougueiro fornece teta. Cada um na sua profissão. Entende?

O médico não quis mais discutir. Uma semana antes, o banco lhe escrevera dizendo que ele devia saldar a conta. Em sua mesa havia mil euros. Acabou dando Animalax para o dogue e, como Atris ainda pôs mais 200 euros na mesa, quintuplicou a dose recomendada pelo fabricante.

Atris arrastou Buddy de volta para a rua. Chovia copiosamente. Ele xingou. O veterinário informara que o cão precisava se movimentar para acelerar o efeito do medicamento. Ele não estava a fim de se molhar. Amarrou a coleira na porta do carona e saiu dirigindo devagar. O cachorro vinha trotando ao lado do Maserati. Os outros carros buzonavam, Atris aumentou o volume da música. Um policial o fez parar, Atris disse que o cão estava doente. O policial gritou com ele, o que o fez enfiar o cachorro no carro e continuar dirigindo.

Na esquina seguinte, ele ouviu. Era um ronco sombrio, ameaçador. O dogue escancarou a boca, estava ofegante, gania de dor. Então evacuou. Contorceu-se no banco da frente, foi para trás espremendo-se entre os encostos, mordeu o estofamento e arrancou um bom pedaço dele. O excremento líquido esguichou sobre os assentos, os vidros, o chão, a tampa do bagageiro. O cachorro espalhou tudo com as patas. Atris freou e pulou para fora do carro. Fechou a porta. Atris ficou na chuva por vinte minutos. Os vidros do carro embaçaram por dentro. A todo tempo, via lampejos da boca do cão, a gengiva vermelha, o rabo, ouvia o uivo sonoro, e a merda não parava de rebentar contra a janela. Atris pensou em Frank. E no pai, que, já na infância, lhe dissera que ele era muito bronco para conseguir andar em linha reta. Atris achou que talvez o pai estivesse certo.

—

Frank despertou do coma no hospital do presídio de Berlim. O comando de operações especiais exagerara, ele tinha uma concussão cerebral, hematomas por todo o corpo, eles haviam quebrado sua clavícula e a parte superior do braço direito. Ao lado do leito, o juiz de instrução leu a ordem de prisão, inicialmente apenas por resistência e

lesão corporal: um dos oito policiais quebrara o dedo mindinho. A polícia não encontrara drogas, mas estava certa de que elas estavam em algum lugar.

Assumi sua defesa. Frank permaneceria em silêncio. Seria difícil ao Ministério Público provar tráfico de drogas. A audiência da revisão da ordem de prisão ocorreria em 13 dias e, se não surgisse nenhuma novidade, ele seria posto em liberdade.

---

— Você está fedendo a merda — disse Hassan.

Atris ligara para ele. Antes, vasculhara o Maserati durante uma hora a camisa e a calça estavam sujas de fezes. Ele não encontrara a chave, ainda devia estar dentro do dogue. Atris não soubera o que fazer. Hassan era seu primo e tido como inteligente na família.

— Sei que estou fedendo a merda. O carro fede a merda, Buddy fede a merda, eu estou fedendo a merda. Sei disso. Você não precisa ficar falando.

— Atris, você *realmente* está fedendo a merda — disse Hassan.

Hassan tinha um comércio num dos incontáveis arcos sob o trem urbano de Berlim. O trem alugava esses espaços. Ali havia oficinas de carros, depósitos e lojinhas de bugigangas. Hassan descartava pneus velhos. Ele cobrava pelo descarte dos pneus, carregava um caminhão com eles e os jogava num despehadeiro que havia encontrado numa floresta em Brandemburgo. Ganhava bem. Todos diziam que tinha talento para os negócios.

Atris narrou a Hassan a história do cão. Hassan lhe disse que levasse Buddy. O dogue parecia arrasado, o pelo branco estava marrom.

— O vira-lata também está fedendo — disse Hassan.

Atris gemeu.

— Amarre-o no poste de aço — disse Hassan.

Indicou a Atris o chuveiro na parte de trás e lhe deu um recém-lavado uniforme da limpeza municipal. Era de cor laranja.

— O que é isso? — perguntou Atris.

— Eu uso para o descarte — disse Hassan.

Atris despiu-se e embalou as coisas velhas num saco de lixo. Ao sair do chuveiro vinte minutos depois, a primeira coisa que viu foi o macaco mecânico numa poça de



sangue. Hassan fumava sentado numa cadeira. Mostrou o cadáver do cão no chão.

— Sinto muito, mas é melhor você tirar a roupa de novo. Se você vai abrir o animal assim, vai ficar sujo de novo. Esse é o último uniforme limpo.

— Caralho.

— É o único jeito. A chave não sairia jamais. Está enganchada no estômago. Depois arranjamos outro cachorro.

— E o Maserati?

— Já dei um telefonema. Os meninos estão roubando um igual. Temos de esperar. Você vai receber um novo.

—

Atris retornou às 2 horas da manhã ao apartamento na Kurfürstendamm. Estacionara o novo Maserati na garagem subterrânea. O carro tinha um aspecto totalmente diferente, era vermelho em vez de azul, os bancos pretos em vez de bege. Seria difícil explicar isso a Frank.

Subiu de elevador. A chave emperrou um pouco na fechadura da porta do apartamento, mas ele estava muito cansado para perceber. Não pôde se defender, na verdade, nem chegou a tentar. A mulher era franzina, usava um moletom com capuz, ele não conseguiu reconhecer o rosto dela. A pistola era gigante.

— Abra essa boca — disse ela. A voz parecia quente.

Enfiou o cano entre os dentes de Atris. Tinha gosto de óleo.

— Vá para trás devagarzinho. Se fizer algum movimento em falso ou se eu tropeçar, você fica sem nuca. Portanto, tenha cuidado. Você entendeu?

Atris balançou a cabeça com cautela. Enquanto isso, a mira batia de dentro para fora contra seus dentes. Entraram na sala.

— Agora vou me sentar no banco. Você se ajoelha na minha frente. Bem devagar. — Ela falava com ele como um médico falando com o paciente.

A mulher se sentou num dos bancos de feltro. Atris ajoelhou-se ao lado dela. Ele ainda tinha o cano da arma dentro da boca.

— Muito bem. Se você fizer tudo direito, não vai acontecer nada. Não quero matá-lo, mas para mim não custa nada. Entendeu?

Atris balançou a cabeça de novo.

— Pois bem, vou explicar.

Ela falou lentamente, tão lentamente que Atris entendeu tudo. Ela se inclinou para trás no banco e cruzou as pernas. Atris teve de seguir os movimentos da mulher e se curvar com a cabeça para a frente.

— Seu parceiro e você compraram pílulas da gente. Vocês nos dariam 250 mil euros por elas. Seu parceiro foi preso na via expressa. Sentimos muito. Mas, apesar disso, você tem de pagar.

Atris engoliu em seco. Frank se deu mal, ele pensou. Balançou a cabeça. Ela esperou até ter certeza de que Atris assimilara tudo.

— Fico feliz por você me entender. Agora te faço uma pergunta. Depois você pode tirar o cano da boca e responder. Quando tiver respondido, você enfia o cano na boca de novo. É muito simples.

Atris se acostumara com a voz. Não precisava pensar. Ele simplesmente faria tudo o que a voz dissesse.

— Onde está o dinheiro? — disse ela.

Atris abriu a boca e disse:

— O dinheiro está na estação de metrô. Buddy engoliu a chave, ele cagou tudo, eu tive que...

— Calma — disse a mulher. Sua voz era cortante. — Põe o cano na boca de novo, rápido.

Atris se calou e fez o que ela dizia.

— Sua história é muito comprida. Não quero ouvir uma novela. Só quero saber onde está o dinheiro. Agora vou perguntar de novo. Gostaria que você respondesse com uma frase apenas. Você pode refletir na resposta com calma. Quando souber o que quer dizer, você abre a boca e diz a frase. Mas só uma frase. Se disser mais de uma frase, eu corto seu saco. Entendeu?

A voz não se modificara. Atris começou a suar.

— Onde está o dinheiro?

— Num escaninho na Estação Central — disse Atris, e rapidamente mordeu o aço de novo.

— Muito bem, agora você entendeu, é assim que deve ser. Agora vem a próxima pergunta. Você pensa, abre a boca, diz uma frase e volta a fechá-la. Pense na resposta. Pois bem, a pergunta é: quem tem a chave do escaninho?

— Eu — disse Atris e fechou a boca de novo.

— Está com você?

— Sim.

— Estou orgulhosa de você. Vamos continuar. Agora vem a próxima pergunta. Onde está seu carro?

— Na garagem.

— Sei, nós estamos nos entendendo bem. Agora vai ser um pouco mais complicado. Vamos fazer o seguinte. Agora você se levanta, mas bem devagar. Entende? Tudo depende de fazer as coisas devagar. Não queremos que nada saia errado por eu levar um susto. Se tivermos cuidado, não vai acontecer nada.

Atris se levantou lentamente. A pistola ainda na boca.

— Agora vou tirá-la de sua boca. Depois você se vira e vai para a porta. Estou atrás de você. Agora vamos pegar o carro e ir para a estação. Se o dinheiro estiver lá, você pode ir embora.

Atris abriu a boca, e ela tirou o cano.

— Antes de irmos, você tem de saber uma coisa. A pistola tem uns cartuchos especiais. Eles contêm uma gota de nitroglicerina. Você vai na minha frente. Se sair correndo, eu vou ter de atirar. A nitroglicerina vai explodir em seu corpo. Depois ninguém vai reconhecer nenhum pedacinho seu. Está entendendo?

— Sim — disse Atris. — Não vou correr de jeito nenhum.

Desceram de elevador. Atris foi na frente e abriu a porta da garagem. Alguém gritou: “Aí está o desgraçado!” A última coisa que Atris viu foi o taco de beisebol de metal. Tinha um brilho vermelho.

---

Eles haviam roubado o Maserati errado. O carro era de um rapper. Ele jantara com a namorada na Schlüterstraße. Depois, não achando seu carro, ligara para a polícia, mas o veículo não fora rebocado. Sua namorada ficara de mau humor e o azucrinara tanto que ele acabou ligando para um velho amigo de Kreuzberg: Muhar El Keitar prometera cuidar do assunto.

Para alguém que não fazia parte da polícia não era difícil descobrir quem estava com o carro. El Keitar era o chefe de uma grande família. Todos provinham da mesma aldeia, eram curdos libaneses. El Keitar queria o carro. Disse isso com todas as letras. Seu amigo, o rapper, tinha se tornado uma pessoa famosa, El Keitar queria ajudá-lo

de qualquer maneira. Os quatro homens que visitaram Hassan por ordem de Muhar El Keitar não queriam matá-lo, queriam apenas saber para quem fora o carro. As coisas degradingaram. Ao retornar, os homens disseram que Hassan quis se defender a todo custo; disse onde estava o carro, mas então foi seu fim.

---

Quando voltou a si, Atris se viu sentado numa cadeira de madeira. Estava nu e amarrado. Era um cômodo úmido, sem janelas. Atris ficou com medo. Todos em Kreuzberg já tinham ouvido falar daquele porão. Pertencia a Muhar El Keitar. Todos sabiam que El Keitar gostava de torturar. Dizia-se que ele aprendera a técnica na guerra no Líbano. Havia muitas histórias a respeito.

— Pra que isso? — perguntou Atris aos dois homens sentados sobre uma mesa na frente dele. Sua língua estava saburmenta e inchada. Entre as pernas havia uma bateria de carro com dois cabos.

— Espere — disse o mais jovem.

— Esperar o quê?

— Simplesmente espere — disse o mais velho.

Dez minutos depois, Muhar El Keitar veio descendo a escada. Olhou para Atris. Depois gritou com os dois homens.

— Já lhes disse mil vezes que vocês têm de pôr uma lona de plástico debaixo da cadeira. Por que jamais entendem? Da próxima vez vou ficar calado, aí vocês vão ver a sujeira que têm de limpar.

Na verdade, Muhar El Keitar não queria torturar. Quase sempre essa frase bastava para fazer a vítima falar.

— O que você quer, Muhar? — perguntou Atris. — O que eu devo fazer?

— Você roubou um carro — disse El Keitar.

— Não, não roubei carro nenhum. Foram os rapazes que roubaram. O outro Maserati estava cheio de merda.

— Bom, compreendo — disse El Keitar, embora não compreendesse nada. — Você tem de pagar o carro. É de um amigo meu.

— Eu pago.

— E paga uma compensação pelas minhas despesas.

— Claro.

— Cadê o dinheiro?

— Num escaninho na Estação Central. — Àquela altura, Atris já entendera que não fazia sentido contar histórias longas.

— Cadê a chave? — disse Muhar El Keitar.

— Na minha carteira.

— Vocês são uns idiotas — disse Muhar El Keitar aos dois homens. — Por que não o revistaram? Sobra tudo para mim.

El Keitar foi até onde estava o uniforme laranja de Atris.

— Por que você tem esse uniforme de gari? — perguntou Muhar El Keitar.

— É uma longa história.

Muhar El Keitar achou a carteira e, dentro dela, a chave.

— Eu mesmo vou à estação. Vocês dois, prestem atenção nele — disse aos seus homens e depois a Atris: — Se o dinheiro estiver lá, você pode ir embora.

Subiu as escadas. Depois veio descendo de costas. Tinha uma pistola na boca. Os dois homens de El Keitar pegaram os tacos de beisebol.

— Larguem esses tacos — disse a mulher com a pistola.

Muhar El Keitar balançou a cabeça com veemência.

— Se ficarmos todos calmos, não vai acontecer nada com ninguém — disse a mulher. — Agora vamos resolver juntos os nossos problemas.



Meia hora depois, Muhar El Keitar e o mais velho dos seus homens estavam sentados no chão do porão presos um no outro com braçadeiras plásticas, a boca amordaçada com fita adesiva. O mais velho estava apenas de cueca; e Atris vestia as roupas dele. O mais jovem estava sentado numa imensa poça de sangue. Cometera um erro ao tirar um cassete curto do bolso. A pistola da mulher ainda estava na boca de El Keitar. Com a mão esquerda, ela sacara uma navalha do bolso do moletom, abrira-a e cortara fundo o interior da coxa direita dele. Foi rápido, o homem mal tivera tempo de perceber alguma coisa. Caiu imediatamente no chão.

— Cortei a grande artéria da sua perna — dissera ela. — Agora você vai sangrar até morrer, isso dura seis minutos. Seu coração não vai parar de bombear o sangue para fora do corpo. Primeiro, seu cérebro não é mais oxigenado, você perde a consciência.

— Me ajude — dissera ele.

— Agora vem a boa notícia: você pode sobreviver. É fácil: você tem de pôr a mão sobre a ferida, com os dedos vai achar a ponta da artéria. Você deve apertá-la entre o polegar e o indicador.

O homem olhara para ela incrédulo. A poça crescera.

— Eu, no seu lugar, me apressaria — dissera ela.

O homem fuçara o ferimento.

— Não estou achando, droga, não estou achando! — Então, de repente, parou de sangrar. — Achei.

— Agora você não pode mais largá-la. Se quiser sobreviver, deve ficar sentado. Um médico vai chegar a qualquer momento e fechar a artéria de novo com um pequeno clipe de aço. Portanto, fique quieto aí.

E a Atris ela dissera:

— Vamos agora.

Atris e a mulher foram para a Estação Central no Maserati roubado. Atris foi até o escaninho e o abriu. Pôs duas bolsas na frente da mulher e as abriu. Ela olhou dentro das bolsas.

— Quanto tem aí? — perguntou ela.

— Duzentos e vinte mil euros.

— E o que tem na outra?

— Um quilo e cem gramas de cocaína — disse Atris.

— Bom, fico com os dois. Nosso negócio acaba aqui. Agora vou embora, e você nunca mais vai me ver, e nunca me viu — disse ela.

— Sim.

— Repete.

— Eu nunca a vi — disse Atris.

A mulher se virou, pegou as duas bolsas e foi para a escada rolante. Atris esperou um pouco, depois correu para a primeira cabine telefônica. Discou o número de emergência da polícia.

— Mulher com moletom de capuz preto, estatura 1,70 metro, magra, caminha em direção à saída da Estação Central. — Ele conhecia a linguagem da polícia. — Está armada, tem uma bolsa com dinheiro falso e um quilo de cocaína. Roubou um Maserati azul, não, um Maserati vermelho. O carro está no segundo andar do

estacionamento — disse e desligou.

Voltou para o escaninho e enfiou a mão. Uma segunda chave estava colada atrás do compartimento para moedas — invisível do lado de fora. Usou-a para abrir o escaninho do lado, do qual retirou uma bolsa. Deu uma rápida olhada no interior, o dinheiro ainda estava lá. Depois voltou para a estação principal e subiu pela escada rolante até a plataforma do trem urbano. Viu no nível mais inferior a mulher deitada no chão. Ao redor dela, oito policiais.

Atris pegou o primeiro trem na direção de Charlottenburg. Quando o trem se pôs em movimento, ele se recostou. Estava com o dinheiro. No dia seguinte o grande pacote com as pílulas chegaria de Amsterdã à casa de sua mãe; Frank ainda tinha embalado para ela um moinho de vento com luzes vermelhas e verdes. Ela amava essas coisas. Eles não têm cães farejadores no correio, é muito caro, dissera o russo.

A mulher pegaria quatro ou cinco anos. A cocaína era apenas açúcar, mas o dinheiro falso era um golpe em que os próprios Frank e Atris já tinham caído uma vez. Além disso, ainda havia a posse de arma e o roubo do automóvel.

Frank seria solto em alguns dias, não havia provas contra ele. As pílulas seriam um sucesso de vendas. Atris daria um filhote de cachorro para Frank no dia de sua soltura, em todo caso, seria um cão menor. Eles haviam economizado 250 mil euros, a prisão da mulher era problema do russo, essas eram as regras e fim de conversa. Frank poderia comprar o novo Maserati Quattroporte.

Depois de me contar tudo, Atris disse:

— Simplesmente não dá para confiar nas mulheres.

Naquele dia, depois de muito tempo, ela passara pela casa novamente. Tudo ocorrera 15 anos atrás. Ela se sentara num café e me telefonara. Perguntara-me se eu ainda me lembrava dela. Dissera-me que agora era adulta, tinha um marido e duas filhas. Uma menina de 10 anos e outra de 9, crianças lindas. A pequena parecia-se com ela. Não sabia para quem podia telefonar.

— Você ainda se lembra de tudo? — perguntara ela.

Sim, eu ainda me lembrava de tudo. De todos os detalhes.



Larissa tinha 14 anos. Morava com os pais. A família vivia de assistência social, o pai estava desempregado havia vinte anos, a mãe fora faxineira, agora ambos bebiam. Muitas vezes os pais voltavam tarde para casa, outras vezes nem voltavam. Larissa se acostumara com isso e com as surras, como as crianças se acostumam com tudo. Seu irmão havia saído de casa aos 16 anos e nunca mais dera notícias. Ela também faria o mesmo.

Era uma segunda-feira. Os pais estavam no boteco a duas esquinas de casa, estavam quase sempre lá. Larissa ficara sozinha no apartamento. Ouvia música sentada na cama. Quando a campainha tocou, ela foi até a porta, olhou pelo olho mágico. Era Lackner, amigo do pai, que morava na casa ao lado. Ela estava só de calcinha e



camiseta. Ele perguntou pelos pais, entrou no apartamento, verificou se ela estava realmente só. Depois puxou a faca. Disse que ela deveria se vestir e ir com ele, do contrário lhe cortaria a garganta. Larissa obedeceu, não tinha escolha. Foi com Lackner, que preferia seu próprio apartamento, não queria ser incomodado.

A senhora Halbert, vizinha do apartamento da frente, topou com eles na escada. Larissa se desvenchou, gritou e correu para os braços dela. Muito mais tarde, depois do ocorrido, o juiz perguntaria à senhora Halbert por que não protegera Larissa. Por que desfizera o abraço de Larissa e a entregara a Lackner. O juiz perguntaria por que permitira que o homem levasse a menina embora ela tivesse fugido e chorado. E a senhora Halbert repetiria sempre a mesma coisa, a cada uma de suas perguntas diria:

— Não era assunto meu, eu não tinha nada a ver com isso.

Lackner levou Larissa a seu apartamento. Ela ainda era virgem. Ao terminar, ele a mandou de volta para casa.

— Dê lembranças a seu pai — disse ele ao se despedir.

Em casa, Larissa tomou um banho tão quente que quase queimou a pele. Fechou as cortinas do quarto. Sentia dores e medo, e não podia falar com ninguém.

Larissa passou mal nos meses seguintes. Sentia-se cansada, vomitava, estava irritadiça. A mãe disse que ela não devia comer tantos doces e que a azia era por causa deles. Larissa engordou quase 10 quilos. Estava no meio da puberdade. Acabara de tirar da parede as fotos de cavalos para pendurar os pôsteres da *Bravo*, a revista juvenil. A situação piorou, principalmente com as dores na barriga.

— É cólica — dizia o pai.

A menstruação não vinha, ela achava que era o enjoo.

Em 12 de abril, ao meio-dia, ela mal conseguiu chegar ao banheiro. Achava que o ventre ia rebentar, a manhã inteira já vinha sentindo câibras abdominais. Era uma coisa diferente. Ela pôs a mão entre as pernas e sentiu o ser estranho. Uma coisa que brotava dela. Sentiu cabelos emplastrados, uma cabeça minúscula. “Isso não pode estar dentro de mim”, fora tudo o que pensou, repetidamente, sem cessar. “Não pode estar dentro de mim.” Poucos minutos depois, o bebê caiu na privada, ela ouviu o barulho na água. Ficou sentada. Perdeu completamente a noção do tempo.

Em algum momento Larissa se levantou. O bebê ficou lá embaixo, na privada, branco e vermelho e sujo e morto. Ela levou a mão até o armário em cima da pia, pegou a tesoura de unhas, cortou o cordão umbilical. Secou-se com o papel higiênico, não podia jogar o papel em cima do bebê, enfiou-o no cestinho de plástico. Ficou sentada no chão até sentir frio. Depois tentou sair dali cambaleante, buscou um saco de lixo na cozinha. Apoiou-se na parede, deixando nela a marca da mão suja de sangue. Depois tirou o bebê da privada, as perninhas eram tão finas, quase tão finas quanto os dedos dela. Colocou-o sobre uma toalha. Olhou-o por um breve momento, brevíssimo e muito longo, lá estava ele com a cabeça roxa e os olhos fechados. Depois o envolveu na toalha e o enfiou no saco. Cuidadosamente. Como um pão, pensou ela. Levou o saco para o porão, carregando-o com as duas mãos, e o pôs entre as bicicletas. Ela chorava em silêncio. Conforme subia a escada, começou a sangrar, o sangue descia pelas coxas, ela não notou. Ainda conseguiu chegar ao apartamento, depois desmaiou no corredor. A mãe, que tinha regressado, chamou o corpo de bombeiros. No hospital, os médicos retiraram a placenta e chamaram a polícia.

A policial foi amável, não usava uniforme e passou a mão na testa da moça. Larissa estava deitada numa cama limpa, uma enfermeira trouxera algumas flores. Ela contou tudo.

— Ele está no porão — disse ela. E depois disse uma coisa em que ninguém acreditou. — Eu não sabia que estava grávida.

Visitei Larissa na prisão feminina, um colega juiz me pediu que assumisse a causa. Ela estava com 15 anos. Seu pai deu uma entrevista a um tabloide: ela sempre foi uma boa menina, ele também não entendia, relatou. Recebeu 50 euros por isso.

Sempre houve gestações reprimidas. Todo ano, só na Alemanha, 1.500 mulheres percebem tarde demais que estão grávidas. E, ano após ano, quase trezentas ficam sabendo apenas na hora do parto. Elas dão outra interpretação a todos os sinais: a menstruação para de vir por causa do estresse, a barriga está inchada porque estão comendo muito, os seios crescem por causa de um distúrbio hormonal. As mulheres ou são muito jovens ou já passaram dos 40. Muitas já tiveram filhos. Os seres humanos podem reprimir as coisas, ninguém sabe como isso funciona. Às vezes, é uma repressão muito bem-sucedida: os médicos também são enganados e se absterem de solicitar outros exames.

Larissa foi absolvida. O juiz do caso disse que a criança nasceu viva, afogou-se, seu pulmão tinha se desenvolvido, colibacilos foram encontrados nele. Disse que acreditava em Larissa. O estupro a traumatizara, ela não queria a criança. Reprimira tudo, de modo tão forte e completo que, de fato, não sabia nada sobre a gravidez. Disse que Larissa fora surpreendida ao dar à luz no banheiro. E que por isso caiu num estado em que não podia mais distinguir o certo do errado. E concluiu que a morte do recém-nascido não era culpa dela.

Em outro julgamento, Lackner foi condenado a seis anos e meio.

Larissa voltou para casa no trem urbano. Tinha consigo apenas a sacola de plástico amarela, que a policial arrumara para ela. Sua mãe lhe perguntou como havia sido no tribunal. Meio ano depois, Larissa saiu de casa.

---

Depois de nosso telefonema, ela me enviou uma fotografia das filhas. Anexou uma carta, numa caligrafia redonda em papel azul, deve ter escrito bem devagar: “Meu marido e minha filhas estão bem, eu sou feliz. Mas sonho bastante com o bebê, que ficou sozinho no porão. Era um menino. Sinto falta dele.”

## Justiça

O Tribunal Penal se encontra no distrito de Moabit, em Berlim; essa parte da cidade é cinzenta, ninguém sabe a origem do nome, que soa um pouco como a palavra eslava para pântano. É o maior Tribunal Penal da Europa. O edifício tem 12 pátios e 17 vãos de escada. Ali trabalham 1.500 pessoas, entre elas 270 juízes e 350 promotores. Todo dia ocorrem cerca de trezentas audiências principais, 1.300 detentos de oitenta nações cumprem prisão preventiva ali, e diariamente o frequentam mais de mil visitantes, testemunhas e pessoas envolvidas nos julgamentos. Ano após ano, cerca de 60 mil processos penais são desenvolvidos ali. Essas são as estatísticas.

A agente que levou Turan disse baixinho que ele era “um porco miserável”. Ele entrou com duas muletas na cela de reunião, puxando a perna direita. Parecia um daqueles pedintes nas galerias para pedestres. O pé esquerdo era torcido para dentro. Tinha 41 anos, um homem magro, pele e osso, o rosto chupado, boca quase sem dentes, barba por fazer, desgrenhado. Para me dar a mão, precisou apoiar uma das muletas na barriga, o que lhe causou certo desequilíbrio. Turan sentou-se e tentou narrar sua história. Ele cumpria uma pena, desde muito estava em vigor a ordem de punição sumária: segundo ela, ele teria atacado um homem com um pitbull. “Espancara-o e chutara-o brutalmente.” Turan dizia ser inocente. Ele precisava de tempo para suas respostas, demorou a falar. Não entendi tudo o que disse, mas ele também não precisava dizer muito: mal podia andar, qualquer cachorro o teria derrubado. Quando fiz menção de sair, ele de repente me segurou pelo braço, sua muleta caiu no

chão. Disse que não era má pessoa.

Alguns dias mais tarde, recebi os autos do Ministério Público. Mal chegavam a cinquenta páginas: Horst Kowski, 42, foi passear em Neukölln. Neukölln é um distrito de Berlim, onde as escolas contratam serviços de segurança particular, as escolas de ensino fundamental têm até 80% de estrangeiros e metade da população vive da assistência do Estado. Horst Kowski estava com seu dachshund, que começou uma briga com um pitbull. O dono do pitbull se enfureceu, a briga ficou feia, o homem espancou Kowski.

\*

Kowski estava com a boca sangrando ao chegar em casa. O nariz quebrado, a camisa rasgada. A mulher cuidou dos ferimentos dele. Disse que conhecia “o homem com o pitbull”, chamava-se Tarun. Ele era cliente assíduo no salão de bronzeamento artificial em que ela trabalhava. Pesquisou no computador do salão, encontrou o cartão de desconto de Tarun e o endereço: Kolbe-Ring, 52. O casal foi à polícia, Kowski mostrou uma cópia impressa das informações tiradas do computador. Foi impossível encontrar Tarun no registro de residentes, o que não causou admiração aos policiais, pois em Neukölln a obrigação de registro nem sempre é cumprida.

No dia seguinte, o policial não encontrou nenhum Tarun entre as 184 plaquinhas do interfone na Kolbe-Ring, 52. Mas havia um “Turan” escrito numa delas. O policial consultou a repartição de registro de residentes, e, de fato, havia um Harkan Turan registrado na Kolbe-Ring, 52. O policial julgou que fosse uma confusão de letras, o certo devia ser “Turan” e não “Tarun”. Tocou o interfone. Como ninguém abriu, ele deixou uma intimação na caixa de correio para que Turan se apresentasse.

Turan não foi à polícia. Também não comunicou uma justificativa. Depois de quatro semanas, o policial enviou os autos ao Ministério Público. O promotor solicitou uma ordem de punição sumária, o juiz assinou-a. “Ele se apresentaria se não fosse ele”, pensou.

Quando Turan recebeu a ordem de punição sumária, ainda poderia ter mudado tudo, bastava-lhe escrever apenas uma única linha para a Justiça. Depois de duas semanas,

a ordem entrou em vigor. A Seção de Execução Penal enviou um boleto de pagamento, para que ele pagasse a multa. Ele não pagou, é claro; aliás, não tinha o dinheiro. A multa se transformou numa pena de prisão. O centro de detenção escreveu que ele devia se apresentar dentro de 14 dias. Turan jogou a carta fora. Depois de três semanas, foi levado pela polícia. Ficou preso desde então. Turan disse:

— Não fui eu. Os alemães são tão escrupulosos, deviam saber disso.

A deformidade de Turan era de nascença; ele fora operado várias vezes. Escrevi a seus médicos e mostrei o prontuário médico a um perito. Disse que Turan não poderia chutar alguém. Os amigos de Turan foram ao meu escritório. Disseram que ele tinha medo de cachorros e, evidentemente, nunca possuía um. Um dos amigos até conhecia um Tarun dono de *pitbull*. Pedi uma revisão do processo. Turan foi posto em liberdade. Depois de três meses ocorreu o julgamento. Kowski disse que nunca tinha visto Turan.

Turan foi absolvido. A Justiça esqueceu o processo contra Tarun.

Por lei, Turan tinha o direito a uma indenização contra o Tesouro Público, 11 euros por dia de detenção. Esse pedido devia ser apresentado dentro de seis meses. Turan não recebeu dinheiro algum. Perdeu o prazo.

## Compensação

Alexandra era bonita, loira, olhos castanhos, nas fotos mais antigas usava uma faixa nos cabelos. Cresceu na região próxima a Oldenburg, os pais tinham uma propriedade rural, criação de animais domésticos, vacas, porcos, galinhas. Ela não gostava das sardas no rosto, lia romances históricos e queria ir para a cidade de qualquer jeito. Depois do ensino médio, seu pai lhe arranjara uma vaga de aprendiz numa excelente padaria de lá, a mãe a ajudou a achar um apartamento. No início, sentia saudades de casa e ia ver os pais nos fins de semana. Mas então conheceu gente nova na cidade. Estava de bem com a vida.

Depois do aprendizado, comprou seu primeiro carro. A mãe lhe dera o dinheiro, mas ela própria queria escolher. Estava com 19 anos, o vendedor era dez anos mais velho, alto, quadris estreitos. Fizeram um *test drive*, ele explicou como era o carro. Ela olhava o tempo todo de relance para as mãos dele, mãos magras, com tendões salientes, gostou delas. No final, ele lhe perguntou se comeria ou iria ao cinema com ele. Estava muito nervosa, riu e disse que não. Mas escreveu o número do seu telefone no contrato de venda. Uma semana mais tarde, encontraram-se. Ela gostou da maneira como ele falava sobre as coisas e gostou quando lhe dizia o que ela devia fazer. Teve uma boa impressão de tudo.

Casaram-se dois anos depois. Ela está com um vestido branco na foto de casamento. Está bronzeada, sorri para a câmera e segura o braço do marido, que é duas cabeças

mais alto. Eles tinham contratado um fotógrafo digno do nome. A fotografia sempre ficaria sobre a mesa de cabeceira dela. Alexandra tinha comprado a moldura. Ambos gostaram da festa, do artista solo com o órgão Hammond; dançaram, embora ele dissesse que não era bom dançarino. Suas famílias se davam bem. O avô predileto dela, um canteiro que sofria de pneumoconiose, enviou-lhes uma estátua como presente de casamento: uma moça nua, que se parecia com a neta. O pai lhe deu um envelope com dinheiro.

Alexandra não tinha medo, tudo correria bem com aquele marido. Era tudo como ela desejava. Ele era amoroso, ela achava que o conhecia.

---

A primeira vez que ele bateu nela foi bem antes de nascer a criança. Voltou bêbado para casa, no meio da noite. Ela acordou e disse que ele cheirava a álcool. Não achara ruim, falou por falar. Ele gritou com ela e lhe arrancou o cobertor. Quando ela se sentou na cama, o marido lhe deu uma bofetada. Ela se assustou, não pôde dizer nada.

Ele chorou na manhã seguinte, o culpado era o álcool, disse. Ela não gostou do modo como ele ficou sentado no chão da cozinha. O marido disse que jamais beberia de novo. Quando ele saiu para trabalhar, ela fez uma faxina geral no apartamento. Não fez mais nada naquele dia. Eles eram casados, coisas assim acontecem, pensou ela, fora um contratempo. Não falaram mais a respeito.

Quando Alexandra engravidou, tudo voltou a ser como antes. Ele levava flores no fim de semana, deitava-se ao lado da barriga dela e tentava ouvir o bebê. Ele a acariciava. Tinha arrumado o apartamento antes de ela voltar do hospital após o parto. Pintara o quarto do bebê de amarelo e comprara uma cômoda com trocador. A sogra dela pusera ali coisas novas para o bebê. Em cima da porta havia uma guirlanda de flores de cartolina.

A menina foi batizada, ele queria lhe dar o nome Chantal, mas no fim concordaram em chamá-la Saskia. Alexandra estava feliz.

Ele não fazia mais sexo com ela desde o parto. Ela tentara algumas vezes, mas ele não



queria mais. Ela se sentia um pouco só, mas tinha o bebê, e acabou por se acostumar. Uma amiga dissera que isso às vezes acontecia se o marido esteve presente no parto. Tudo voltaria ao normal. Ela não sabia se isso era verdade.

---

Depois de alguns anos, a situação piorou, as vendas de carro quase paradas, eles tinham de pagar as prestações da casa. De algum modo as coisas andaram, mas ele bebia mais do que antes. À noite, Alexandra às vezes sentia um perfume diferente, mas não comentava nada. As amigas dela tinham problemas piores com os maridos, a maioria era divorciada.

No Natal, começou. Ela fizera a mesa, uma toalha branca, os talheres de prata da avó. Saskia estava com 5 anos, perguntou onde devia pendurar as bolas na árvore de Natal. Às 18h30, ela acendeu as velas. Estavam quase se extinguindo e ele ainda não havia chegado. Comeram sozinhas, depois do jantar ela levou Saskia para a cama. Ainda leu o livro novo para a menina até ela cair no sono. Ela telefonara para os pais e os sogros, e todos haviam desejado Feliz Natal uns para os outros, uma família normal. Apenas quando perguntaram pelo marido ela disse que ele fora correndo até o posto de gasolina porque em casa não havia fósforos para as velas.

Ele o fez em silêncio. Já havia lutado boxe e sabia como bater para causar dor. Embora estivesse bêbado, foi um golpe preciso. Ele golpeou com brutalidade e método, estavam de pé na cozinha entre a bancada americana e a geladeira. Não lhe golpeou no rosto. Flores adesivas e desenhos infantis estavam colados na porta da geladeira. Ela mordeu a própria mão para não gritar, pensou em Saskia. Ele a puxou pelos cabelos até o quarto. Quando a sodomizou, ela achou que ia se partir ao meio. Ele gozou rápido, depois a chutou para fora da cama e adormeceu. Ela ficou deitada no chão, não conseguia mais se mexer. Em algum momento conseguiu chegar ao banheiro. A pele já mudara de cor, a urina tinha sangue. Ficou um tempão deitada na banheira, até poder respirar com calma novamente. Não conseguiu chorar.

No primeiro dia após os feriados de Natal, ela havia recuperado as forças. Disse que ia visitar a mãe com Saskia. Ele saiu do apartamento antes dela. Ela fez a mala e a

levou até o elevador. Saskia estava exultante. Quando chegaram ao térreo, ele estava na frente da porta. Tomou-lhe a mala da mão suavemente. Saskia perguntou se não iam visitar a vovó. Ele pegou a filha com a mão esquerda e a mala com a direita, retornou ao elevador. No apartamento, pôs a mala na cama e olhou para a mulher. Balançou a cabeça num sinal de reprovação.

— Você não vai a lugar nenhum, sempre vou achá-la — disse ele. No corredor, pegou Saskia nos braços. — Agora nós vamos ao zoológico.

— Oba! — disse Saskia.

Alexandra só voltou a sentir as mãos quando a porta se fechou. Ela havia se agarrado à cadeira, duas de suas unhas tinham se quebrado. Mais tarde, à noite, ele lhe partiu uma costela. Ela dormiu no chão. Não sentia mais o próprio corpo.



Ele se chamava Felix e alugara um pequeno apartamento no prédio dos fundos. Ela o vira todos os dias com a bicicleta. Ele sempre a cumprimentara no supermercado, e certa vez, quando ela se retorcera de dor lombar no saguão de entrada, ele a ajudara com as sacolas. Agora estava na frente da porta dela.

— Você tem um pouco de sal? — perguntou ele. — Certo, eu confesso, essa desculpa não podia ser mais esfarrapada. Você não gostaria de tomar um café comigo?

Os dois riram. As costelas doíam. Ela se acostumara com as pancadas. Aguentaria ainda uns quatro ou cinco anos, então Saskia estaria bem desenvolvida, mas no momento a menina tinha 9 anos.

Ela gostou do apartamento de Felix. Era aconchegante, piso claro, os livros em estreitas estantes de madeira, um colchão com lençol branco. Ele conversou sobre livros com ela, ouviram *Lieder*, de Schubert. Ele parecia um meninão, um pouco triste talvez, pensou ela. Ele lhe disse que ela era bonita, depois ficaram um bom tempo em silêncio. Quando retornou para o apartamento, Alexandra pensou que talvez nem tudo estivesse acabado. Naquela noite, ela precisou ir de novo para o chão ao lado da cama, mas importou-se menos com isso.

Três meses depois, ela fez sexo com ele. Mas não quis que ele a visse nua, as manchas roxas e as escoriações; ela abaixou a persiana e se despiu embaixo do lençol. Ela estava com 31 anos, ele não tinha muita experiência, mas aquela era a

primeira vez que um homem transava de verdade com ela desde o nascimento de Saskia. Ela gostou do modo como ele a segurou. Depois ficaram deitados no escuro do quarto. Ele falou das viagens que queria fazer com ela, de Florença e Paris e outros lugares em que ela nunca estivera. Ela achou que era tudo tão fácil, deleitou-se ouvindo a voz dele. Podia ficar apenas duas horas. Ela lhe disse que não queria voltar para casa, disse sem pensar, era para ser uma simples declaração de amor. Mas percebeu que estava falando sério.

Pouco depois ela não conseguia achar as meias, o que os fez rir. Ele acendeu a luz de repente. Ela segurou o lençol na frente do corpo, mas já era tarde. Ela viu a raiva nos olhos dele; ele disse que ia chamar a polícia, era o que se devia fazer imediatamente. Ela precisou de muito tempo para dissuadi-lo da ideia, disse que temia pela filha. Ele não queria entender. Os lábios de Felix tremiam.

---

Dois meses mais tarde começaram as férias de verão. Eles levaram Saskia para a casa dos avós maternos no campo, a menina gostava de lá. Na volta para a cidade, Thomas disse:

— Agora você vai aprender a obedecer.

Felix lhe mandou um SMS. Ele estava com saudades — ela leu no banheiro do restaurante à margem da via expressa. Fedia a urina, mas ela nem se importou. Felix dissera que o marido dela era um sádico, que se comprazia em humilhá-la e feri-la. Isso era um distúrbio, que podia ser perigoso para ela, o marido devia se deixar tratar. Mas que ela devia ir embora já. Ela não sabia o que fazer. Não podia contar para a mãe, tinha vergonha. Vergonha por ele e por ela.

---

O dia 26 de agosto era o último dia antes da volta de Saskia. Eles pretendiam buscá-la e passar uma noite na casa dos pais dela. Em seguida, os três viajariam por uma semana para Maiorca, as passagens estavam sobre a mesinha do corredor. Ela achou que as coisas seriam melhores por lá. Ele havia bebido demais durante os dias de ausência da filha. A mulher mal conseguia andar. Nas duas últimas semanas ele a violentara todos os dias com sexo anal e oral, batera nela, chutara e a obrigara a

comer de uma tigela no chão. Quando ele estava em casa, ela devia ficar nua, dormia no chão na frente da cama dele; ele agora também lhe proibira o cobertor. Ela não pudera ver Felix e lhe escrevera dizendo que simplesmente não dava.

Naquela última noite, ele disse:

— Saskia agora está madura. Tem 10 anos. Eu esperei. Quando ela voltar, vou pegá-la para mim.

Ela não entendeu o que ele disse. Perguntou-lhe o que ele queria dizer com aquilo.

— Vou foder com ela, igual eu fodo com você. Ela já está crescida.

A mulher gritou e partiu para cima dele. Ele se levantou e socou a barriga dela. Foi um soco curto, vigoroso. Ela vomitou, ele se virou e disse para ela limpar. Uma hora mais tarde, ele se deitou.

---

O marido não roncava mais. Sempre havia roncado, já na primeira noite em que foram felizes. No começo era estranho, era outra pessoa, outra voz — ela havia pensado naquela época. Aos poucos, se acostumara. Agora fazia 11 anos que estavam casados. Não haveria uma segunda vida, só havia aquele homem e aquela vida. Ela estava sentada no outro cômodo ouvindo rádio. Tocavam alguma coisa que ela desconhecia. Arregalou os olhos na escuridão. Em duas horas romperia o dia, então ela precisaria atravessar até o quarto, o quarto deles.

---

O pai me pediu que defendesse a filha. Obtive uma permissão de visita. O promotor encarregado se chamava Kaulbach, um homem robusto, articulado, falava em frases curtas.

— Coisa terrível — disse ele. — Aqui não há muitos homicídios dolosos. Esse é inegável.

Kaulbach mostrou-me as fotos da cena do crime.

— Ela matou o marido com uma estátua. Ele estava dormindo.

— O legista não pode constatar se ele estava dormindo — eu disse, sabendo que esse não era um bom argumento.

O problema era simples. Um homicídio culposo não se distingue do doloso pela “intenção”, como se diz nos filmes policiais da TV. Todo homicídio doloso é um homicídio culposo. Mas também é mais. Ele deve ter algo mais, que o torna homicídio doloso. Essas características dolosas não são arbitrárias, estão explicitadas na lei alemã. O criminoso mata “para satisfação de desejo sexual”, por “ganância” ou por “motivos torpes”. Há também palavras que descrevem *como* ele mata, por exemplo, “traíçoeiramente” ou “com crueldade”. Se o juiz acha que há a presença de tal característica, ele não pode agir de outra forma: condenará o criminoso à prisão perpétua. No caso do homicídio culposo, resta-lhe a escolha, pode dar de 5 a 15 anos ao criminoso.

Kaulbach tinha razão. Um homem não pode se defender se é morto enquanto dorme. Ele não sabe que está sendo atacado, é indefeso. Portanto, o criminoso age traíçoeiramente. Ele comete um homicídio doloso, receberá pena perpétua.

— Olhe para estas fotos — disse Kaulbach. — O homem está deitado de costas. Não há sinais de resistência nas mãos. O cobertor está bem arrumado em cima dele. Não houve luta. Ninguém pode duvidar disto: ele estava dormindo.

O promotor sabia o que estava dizendo. Parecia que o rosto do homem tinha sido pisado pela base da estátua. Havia respingos de sangue por toda parte, até mesmo na fotografia sobre a mesa de cabeceira. Os jurados não iam gostar daquelas imagens.

— Além disso, sua cliente fez uma confissão hoje.

Eu ainda não sabia disso. Perguntei-me o que devia fazer naquele julgamento. Não poderia fazer nada por ela.

— Muito obrigado — eu disse. — Agora vou visitá-la. Depois podemos falar sobre isso de novo.

—

Alexandra estava no hospital do presídio. Sorriu como alguém sorri para uma visita estranha no hospital. Ela se sentou e se cobriu com um roupão, o qual era muito grande; ela parecia perdida. O chão era de linóleo, cheirava a desinfetante, o lavatório perdera uma das quinas. Ao lado dela estava deitada outra mulher, apenas uma cortina amarela separava as camas.

Fiquei três horas sentado no quarto de Alexandra. Ela me contou sua história.

Mandei fotografar seu corpo maltratado. O laudo médico tinha 14 folhas, baço e fígado estavam rompidos, ambos os rins esmagados, extensos hematomas. Duas costelas estavam quebradas, seis outras mostravam fraturas antigas.

O julgamento começou três meses depois. O juiz presidente estava prestes a se aposentar. Rosto magro, cabelos grisalhos cortados rente à cabeça, óculos sem aros — ele não combinava com a nova sala. Um arquiteto de interiores a decorara no estilo contemporâneo com cadeiras plásticas verde-claras e mesas de fórmica brancas, a sala deveria representar uma justiça democrática. Isso não modificara em nada as sentenças. O presidente deu início à audiência, confirmou a presença dos participantes. Depois interrompeu a audiência, os espectadores foram retirados, Alexandra foi enviada de volta à cela. Ele esperou até as coisas se acalmarem.

— Eu lhes digo francamente, senhoras e senhores — disse ele. Falava arrastado, parecia cansado. — Não sei o que devemos fazer. Vamos realizar a audiência e seguir os autos. Mas não quero condenar a acusada, ela sofreu dez anos nas mãos desse homem, ele quase a matou. E provavelmente a filha teria sido a próxima vítima dos abusos.

Eu não sabia o que dizer. Em Berlim, a promotoria teria rejeitado o juiz imediatamente por parcialidade, uma palavra tão franca no início de um julgamento era algo impensável. Ali no interior era diferente. As pessoas eram mais unidas, era preciso conviver umas com as outras. O presidente não se importava com o que o promotor pensava, Kaulbach ficou sentado calado.

— Terei de condená-la, a lei me obriga — disse ele. Olhou para mim. — A não ser que os senhores tenham alguma ideia. Deixo-lhes qualquer possibilidade.

Com efeito, o julgamento durou só dois dias. Não houve testemunhas. Alexandra contou sua história. O médico-legista fez um relato da autópsia da vítima e falou mais longamente sobre os maus-tratos sofridos por Alexandra. A instrução foi encerrada. O promotor discursou em favor do homicídio doloso, falou friamente, foi um discurso impecável. Disse que a acusada possuía todos os pré-requisitos para um caso de menor gravidade. Mas que um homicídio doloso não admite qualquer possibilidade de atenuação, o legislador previu isso. Portanto, a única sanção cabível seria a prisão perpétua. Meu discurso ocorreria no dia seguinte. Até então o julgamento estaria em recesso.

Antes de deixarmos a sala, o juiz presidente nos chamou, a mim e ao promotor, até sua cadeira. Ele havia retirado a toga. Vestia um paletó verde, a camisa amarrotada e cheia de manchas.

— Você está equivocado, Kaulbach — disse ele para o promotor. — Evidentemente não há caso de menor gravidade num homicídio doloso, mas há outras possibilidades. — Entregou-nos algumas folhas impressas. — Estudem a decisão até amanhã. Gostaria de ouvir algo sensato dos senhores. — Isso foi dirigido a mim.

Eu conhecia aquela decisão. O Tribunal Federal de Justiça dissera que a pena para o homicídio doloso não era absoluta. A pena perpétua também poderia ser atenuada em casos excepcionais. Foi esse o teor do meu discurso, não me ocorreu mais nada.

O tribunal absolveu Alexandra. O juiz presidente disse que ela agira em legítima defesa. Tratava-se de uma norma difícil. Para poder se defender, um ataque deve estar ocorrendo ou prestes a ocorrer. Quem se defende não pode ser punido. O único problema era: uma pessoa que dorme não pode atacar. E nunca um tribunal havia aceitado que um ataque fosse iminente com o agressor ainda dormindo. O juiz presidente disse que aquela era uma decisão de um caso isolado, uma exceção, que valia apenas para aquele caso. Alexandra não precisou esperar até que ele acordasse. Quis proteger a filha e teve o direito de fazer isso. Ela própria se vira forçada a temer pela vida. O tribunal revogou a ordem de prisão e a libertou da prisão preventiva. Mais tarde, o juiz presidente convenceu o promotor a não interpor recurso.



Depois do anúncio do veredicto, fui ao café do outro lado da rua. Lá era possível sentar-se na calçada debaixo de uma castanheira gigante. Pensei no velho juiz presidente, no processo rápido e no meu discurso imbecil: eu pedira uma condenação branda, o tribunal a absolvera. De repente, lembrei-me de que não tínhamos ouvido um perito em impressões digitais. Examinei os autos no notebook: não havia vestígios na estátua, o criminoso devia ter usado luvas. A estátua pesava 41 quilos, só um pouco menos do que Alexandra. A cama tinha mais de 50 centímetros de altura. Li o depoimento dela mais uma vez. Dizia que ficara sentada no quarto da filha até clarear o dia. Depois chamou a polícia. Não se lavou nem se trocou. Cem páginas à frente

nos autos, estavam as fotos das roupas de Alexandra: vestia uma blusa branca — não se viam traços de sangue em parte alguma. O juiz presidente era experiente, aquilo não lhe podia ter passado despercebido. Fechei o notebook. O verão se aproximava do fim, os últimos dias, o vento ali ainda soprava quente.

Eu a vi sair do tribunal. Felix a esperava no táxi. Sentou-se ao lado dele no banco de trás. Ele pegou a mão dela. Alexandra viajaria com ele para a casa dos pais, pegaria Saskia nos braços e tudo seria passado. Precisariam ser delicados um com o outro. Somente quando sentisse o calor na barriga ela poderia retribuir o toque da mão que matara seu marido.



## Família

Waller passou em primeiro lugar nos exames finais do ensino médio em Hannover. O pai era armador de alicerces para concreto, um homem baixo de ombros caídos. De algum modo, conseguira manter o filho no ensino médio embora a mulher o tivesse abandonado, a ele e à criança. Ele morreu 16 dias depois dos exames finais de Waller. Escorregou e caiu na massa de concreto fresco de uma nova construção. Tinha uma garrafa de cerveja na mão. Os operários não conseguiram desligar a máquina a tempo, ele se afogou no concreto.

Além de Waller, outros quatro colegas de trabalho do pai foram ao enterro. Waller vestiu o único terno do pai, ficou perfeito nele. Tinha o rosto retangular e os lábios finos do pai. Apenas seus olhos eram diferentes. E todo o resto.

\*

A Fundação Universitária alemã ofereceu uma bolsa a Waller. Ele rejeitou. Comprou uma passagem para Tóquio, fez a mala e voou para Kyoto. Passou 12 meses num mosteiro. Aprendeu japonês nesse ano. Depois, candidatou-se a uma vaga de emprego numa fábrica de máquinas alemã em Tóquio. Cinco anos mais tarde, era gerente de uma filial. Morava numa pensão barata. Todo o dinheiro que ganhava ia para uma conta de investimento. Foi recrutado por uma montadora japonesa, onde, seis anos depois, atingiria o posto mais alto já alcançado por um estrangeiro. Nesse meio-tempo, sua conta bancária já acumulara cerca de dois milhões de euros, mas ele

continuava na pensão, não gastara praticamente nada. Estava agora com 31 anos. Pedeu as contas e mudou-se para Londres. Oito anos depois, tinha ganhado quase 30 milhões na bolsa. Mesmo em Londres, possuía apenas um quarto minúsculo. Aos 39 anos, comprou uma mansão à beira de um lago bávaro. Agora aplicava o dinheiro em títulos do Tesouro. Parou de trabalhar.

Há poucos anos, aluguei uma pequena casa junto a esse lago por três semanas durante o verão. Era possível ver o palacete através das árvores, nenhuma cerca separava os terrenos. Encontrei Waller pela primeira vez no píer na frente da minha casa. Ele se apresentou e perguntou se podia se sentar. Tínhamos quase a mesma idade. Era um dia quente; com os pés na água, ficamos olhando as ioles e as pranchas de windsurfê coloridas. Não nos incomodou o fato de quase não falarmos. Depois de duas horas, ele voltou para casa.

No verão seguinte, nós nos encontramos no saguão do Frankfurter Hof. Cheguei um pouco atrasado, ele já estava esperando. Tomamos café, eu me sentia cansado do dia no tribunal. Ele disse que eu deveria retornar logo, toda manhã as garças sobrevoavam o lago e a casa, um grande bando delas. Ao fim, perguntou se podia me enviar um dossiê.

O dossiê chegou quatro dias depois. Era a história de sua família, reunida por uma agência de detetives.

A mãe de Waller casara-se novamente um ano depois da separação, tivera outro filho, Fritz Meinerling, meio-irmão de Waller. Quando Fritz Meinerling estava com 2 anos, o novo marido abandonou a família. A mãe morreu de intoxicação alcoólica quando ele entrou na escola. Meinerling foi para um orfanato. Queria ser carpinteiro. A instituição lhe arranhou uma vaga de aprendiz. Ele começou a beber com amigos. Depois de algum tempo, estava bebendo tanto que de manhã não conseguia ir para a oficina. Perdeu a vaga de aprendiz. Saiu do orfanato.

Depois começaram os delitos: roubos, lesões corporais, crimes de trânsito. Passou dois breves períodos na prisão. Na Oktoberfest de Munique, bebeu até ficar com uma concentração de álcool no sangue de 3,2 mg/l. Insultou duas mulheres e foi condenado por perturbação da ordem pública. Então seguiu ladeira abaixo, perdeu o apartamento, dormiu em abrigos para sem-teto.

Um ano após o incidente na Oktoberfest, assaltou uma mercearia. Apenas disse ao juiz que precisava do dinheiro. Estava tão embriagado ainda da noite anterior que a vendedora o derrubara com uma pá de lixo. Pegou dois anos e meio de prisão. Fez um tratamento contra o alcoolismo e por isso foi solto antes.

Alguns meses mais tarde, consegui permanecer sóbrio. Arranjou uma namorada. Foram morar juntos, a mulher trabalhava como vendedora. Ele era ciumento. Ela chegou tarde em casa e ele a golpeou com uma tampa de panela no ouvido esquerdo, o que lhe estourou o tímpano. Os juízes lhe deram mais um ano.

Na prisão, Fritz Meiningering conheceu um traficante de drogas. Eles foram soltos num intervalo de uma semana um do outro. O homem convenceu Meiningering a trazer cocaína do Brasil para a Alemanha. Meiningering ganhou o voo e um pagamento de 500 euros. A polícia recebeu um aviso, ele foi preso no táxi a caminho do aeroporto no Rio de Janeiro. Havia 12 quilos de cocaína pura na mala. Estava preso lá aguardando julgamento.

O dossiê terminava aí. Depois de ler, liguei para Waller, que me perguntou se eu poderia organizar a defesa do meio-irmão no Brasil. Disse-me que não queria nenhum contato com ele, mas achava que tinha de fazer isso. Eu deveria voar para lá, procurar advogados, falar com a embaixada, cuidar de tudo. Aceitei.



O presídio no Rio de Janeiro não tinha celas, mas gaiolas com camas de tábuas estreitas. Por causa do chão molhado, os homens ficavam sentados com os pés recolhidos junto ao corpo. Baratas andavam pelas paredes. Meiningering estava totalmente abandonado. Eu lhe disse que um homem, que preferia ficar anônimo, pagara sua defesa.

Contratei um criminalista decente. Meiningering foi condenado a dois anos. Depois foi extraditado para o processo alemão. Visto que um ano de prisão no Brasil por causa das condições catastróficas equivale a três na Alemanha, seu processo na Alemanha foi arquivado. Ele foi posto em liberdade.

Três semanas mais tarde, começou uma briga com um russo num boteco. O motivo foi meia garrafa de vermut. Ambos estavam bêbados, o dono do bar os expulsou.

Na frente havia um canteiro de obras. Meining pegou um projetor luminoso e acertou a cabeça do homem com ele. O russo caiu. Meining quis ir para casa. Perdeu o senso de direção, seguiu ao longo da cerca da obra sem parar até dar uma volta completa. Depois de cerca de vinte minutos, estava de novo na frente do boteco. Nesse ínterim, o russo tinha rastejado um pouco, sangrava e precisava de socorro. O projetor ainda estava no chão. Meining o pegou e lhe desferiu golpes até o russo morrer. Foi preso ainda na cena do crime.



Quando fui a Munique novamente, fui à casa de Waller.

— O que você pretende fazer agora? — perguntei.

— Não sei — disse ele. — Não quero fazer mais nada por ele.

Estava um dia lindo, radiante. A casa amarela com venezianas verdes brilhava ao sol. Ficamos sentados lá embaixo e junto à casa de barcos. Waller usava bermuda bege e, nos pés, sapatilhas brancas de algodão.

— Espere um pouco, vou buscar uma coisa. — Ele subiu até a casa. Uma moça estava deitada no terraço lá em cima. O lago estava quase sereno.

Waller voltou e me passou uma fotografia.

— Este é meu pai — disse.

Era uma polaróide dos anos 1970. As cores tinham se apagado, dando lugar a um tom marrom-alaranjado. O homem na foto parecia o próprio Waller.

— Esteve quatro vezes na prisão — disse ele. — Três brigas, que ele provocou, e um furto: pegou dinheiro do caixa.

Devolvi-lhe a foto. Waller enfiou-a no bolso.

— O pai dele foi condenado à morte pelos nazistas em 1944. Havia estuprado uma mulher — disse ele.

Sentou-se numa das cadeiras e também se pôs a olhar o lago. Duas ioles disputavam uma corrida. A azul parecia estar ganhando. Depois a vermelho mudou de direção e desistiu. Waller se levantou e foi para a grelha.

— Daqui a pouco podemos comer. Você vai ficar, né?

— Vou — eu disse —, com prazer.

Mexeu na brasa com um garfo.

— Depois de nós, é melhor não ter mais nada — disse ele de repente. Foi tudo o

que disse.

Sua amiga desceu ao nosso encontro, e falamos sobre outras coisas. Depois de comermos, ele me acompanhou até o carro. Um homem sozinho, de boca fina.

Alguns anos mais tarde, o jornal noticiava. Waller havia morrido, afogara-se depois de escorregar do barco numa tempestade. Deixou sua fortuna de herança para o mosteiro no Japão e a casa para a comunidade bávara junto ao lago. Eu gostava dele.

## Segredos

O homem foi ao meu escritório todos os dias por duas semanas. Sentava-se no mesmo lugar em minha sala. Mantinha o olho esquerdo fechado a maior parte do tempo. Chamava-se Fabian Kalkmann. E era maluco.

Já em nossa primeira conversa, disse que o serviço secreto o perseguia. A CIA e o Serviço Federal de Inteligência da Alemanha. Ele tinha um segredo que eles queriam. É assim mesmo e não tem jeito.

— Eles estão me caçando, entende? — perguntou.

— Não totalmente — eu disse.

— Você já foi a um estádio de futebol?

— Não.

— Você precisa ir. Todos ficam chamando meu nome, o tempo todo. Eles gritam: Mohatit, Mohatit.

— Mas seu nome é Kalkmann — eu disse.

— Sim, mas nos serviços secretos eu me chamo Mohatit. Nos documentos da Stasi eu também tenho esse nome. Todo mundo sabe disso. Eles querem meu segredo, o grande segredo.

Kalkmann se curvou para a frente.

— Estive no oculista. Por causa de meus novos óculos, sabe? Eles me anestesiaram pelo olho. Eu saí da ótica um dia depois, exatamente 24 horas depois.

Ele olhou para mim.

— Você não acredita em mim. Mas eu posso provar. Aqui — disse ele, e sacou uma caderneta. — Aqui, dê uma olhada. Está tudo aqui.

Estava escrito na caderneta em letra de fôrma: 26/4, 15 horas, entrada no laboratório, 27/4, 16 horas, saída do laboratório. Kalkmann fechou a caderneta com um olhar de triunfo para mim.

— Está vendo? Essa é a prova. A ótica pertence à CIA e ao Serviço Federal de Inteligência. Eles me anestesiaram e me levaram ao porão, onde há um grande laboratório, um laboratório de aço inoxidável no estilo James Bond. Eles me operaram durante 24 horas. Foi lá que fizeram essa coisa. — Ele se recostou.

— Que coisa? — perguntei.

Kalkmann olhou ao redor. E começou a sussurrar:

— A câmera. Implantaram uma câmera no meu olho esquerdo. Atrás do cristalino. Sim, agora eles veem tudo o que eu vejo. É um plano perfeito. Os serviços secretos agora podem ver tudo o que Mohatit vê — disse ele. E depois, em voz alta: — Mas não vão obter o segredo.

Kalkmann queria que eu oferecesse denúncia contra o Serviço Federal de Inteligência. E, naturalmente, contra a CIA. E contra o ex-presidente americano Reagan, o responsável por tudo. Quando eu disse que Reagan estava morto, ele respondeu:

— É o que você acha. Na realidade, ele mora no sótão da casa de Helmut Kohl.

Ele parecia toda manhã e contava o que vivenciara. Chegou uma hora em que me enchi daquilo tudo. Disse-lhe que ele precisava de ajuda. Foi impressionante, ele entendeu imediatamente. Liguei para o plantão psiquiátrico e perguntei se poderia levar um paciente. Fomos de táxi. Tivemos de entrar na clínica de tratamento involuntário porque as outras salas estavam sendo pintadas. As portas de vidro blindado se fecharam atrás de nós, entramos no prédio, guiados por um enfermeiro. Por fim, sentamo-nos numa antessala. Um jovem médico, que eu não conhecia, nos chamou para o consultório. Sentamo-nos nas cadeiras de pacientes diante de uma mesinha. Eu já ia explicar toda a situação quando Kalkmann disse:

— Bom dia, meu nome é Ferdinand von Schirach, sou advogado. — Ele apontou para mim. — Trago aqui para vocês o senhor Kalkmann. Acho que ele tem um grave problema.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.



Culpa

*Skoob do livro*

<http://www.skoob.com.br/livro/393133-culpa>

*Wikipedia do autor*

[http://de.wikipedia.org/wiki/Ferdinand\\_von\\_Schirach](http://de.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_von_Schirach)

*Site do autor*

<http://www.schirach.de/>

*Página do autor no facebook*

<https://www.facebook.com/FerdinandvonSchirach>